

# Maçonaria: Desmistificando preconceitos

JULIO MERIJ.:

## DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Julio Cezar Merij Mário (Editor)

---

MÁRIO, Júlio César Merij

Maçonaria: desmistificando preconceitos

Vitória, 2016 - 130p.

Capa: Paulo Prot

I. Literatura Maçônica 2. Filosofia Maçônica 3. Mitologia 4. História 5. Reflexão Espiritual e Psicológica - Brasil

I. Autores

Julio Cezar Merij Mário

II. Título

Maçonaria: desmistificando preconceitos

ISBN: 978-85-921388-0-6

---

Prefácio: Luís Carlos Merçon de Vargas.:

2016 Júlio César Merij Mário - juliomerij@gmail.com

*Copyright by* Júlio César Merij Mário

Edição: Julio Cezar Merij Mário

JULIO MERIJ.:

# Maçonaria: Desmistificando preconceitos

5ª Edição

Marabá-Pará

## Dedicatória

- Dedico a todos irmãos das lojas regulares do Brasil e do Mundo com um tríplice e fraternal abraço de agradecimento a todos!
- Dedicamos a todas as vítimas do preconceito e moradores da colônia em particular aos pequeninos que passaram e passam pelo educandário Alzira Bley.

# Agradecimentos

*Aos irmãos de todas as lojas que colaboraram nas edições anteriores, os quais seria impossível listá-los.*

*A todos aprendizes e seus familiares que necessitam de informações para ingresso seguro e consciente na ordem*

## Prefácio

O Ir.: Júlio Cezar Merij Mario desta vez tenta associar a história da Humanidade, da Maçonaria e do Homem, a partir de um problema atual – “Os Filhos do Preconceito” - O Educandário Alzira Bley é uma fundação sem fins lucrativos, associação privada, exercendo atividades de associações de defesa de direitos sociais, atualmente é mantida apenas com a ajuda filantrópica, e este é o seu propósito com a edição deste livro. A Maçonaria é uma instituição que muito colaborou em todos os tempos para o progresso e desenvolvimento da humanidade. Os maçons são denominados, de acordo com alguns textos, uma associação de homens esclarecidos e virtuosos, que se consideram Irmãos entre si e cujo fim é viver em perfeita igualdade, intimamente ligados por laços de recíproca estima, confiança e amizade, estimulando-se, uns aos outros, na prática da virtude. A Maçonaria prega a luta contra o mal do mundo, que é a ignorância e o fanatismo.

Em sua análise histórica podemos constatar o quanto é paradoxal a história da Igreja católica, que moldou a sociedade ocidental e influenciou a oriental, através de guerras, crueldades e muito poder, ela se tornara detentora de tudo que o ocidente tinha, controlava a política e a filosofia, ela era a polícia e o juiz dos homens e ao mesmo tempo a governante. Hoje o poder direto caiu bastante devido à liberdade de expressão e do direito de opinar e a igreja ainda está presa a dogmas e paradigmas medievais, mas também esta história é recheada de beleza e revelação humana através da FÉ, que fez o ser humano criar maravilhas, como músicas e as arquiteturas das

catedrais e basílicas, o homem movido pela fé é um homem mais forte e mais corajoso, capaz de realizar coisas quase sobrenaturais e esta é a beleza que a igreja nos mostrou. É a história do bem e do mal e tudo começou a mudar com o surgimento do iluminismo, que foi um movimento cultural da elite intelectual europeia do século XVIII que procurou mobilizar o poder da razão, a fim de reformar a sociedade e o conhecimento herdado da tradição medieval.

Os maçons jamais se livraram da sombra das perseguições e boatos que surgiram durante toda sua história. Hoje continuam, e cada vez mais, a serem alvos das mais diversas acusações. Filmes, documentários, livros e mais livros, acusam os maçons de adoração ao diabo, planos para dominar o mundo, assassinatos e até mesmo, para variar, negociação com alienígenas.

Já os maçons, por outro lado, mantêm o silêncio. Assim como não divulgam muito suas obras beneficentes, jamais se erguem para refutar ou contradizer as teorias de conspiração e, por isso, são um apetitoso prato para os adeptos desse tipo de teoria.

As relações interpessoais longe da vivência das guerras e conflitos favoreceram o aparecimento das fraternidades. O simbolismo da maçonaria por acidente histórico serviu como uma base sobre a qual foi significativa para a necessidade de contato humano em qualquer rótulo específico, essa é uma necessidade humana que sempre fez parte da história do homem, com sua mitologia das construções, a maçonaria quis ilustrar a imagem da construção interna do homem, a maçonaria alega trazer uma nova espiritualidade, uma espiritualidade onde a força veio das inter-relações humanas, muitos elementos diferentes assim são reunidos

pra criar a maçonaria, os construtores escoceses, os antigos encargos ingleses, o surgimento dos clubes londrinos, a criação de organizações de ajuda mútua, uma elite obcecada tanto pelas relações interpessoais quanto pelo progresso científico, todos esses fatores foram reunidos e se fundiram para criar uma das partes mais importantes da história humana, uma história rica sobre a qual as pesquisas estão apenas começando, uma história que continua a ser escrita.

Com esta análise se conclui que o autor pretende dar continuidade à história milenar da Maçonaria e estaremos iniciando a 4ª fase da Maçonaria – a da Maçonaria Ativa.

Luís Carlos Merçon de Vargas

Venerável Mestre Passado das Lojas Orvalho do Hermon nº21 e Loja James Anderson nº 100 da Grande Loja Maçônica do Estado do Espírito Santo e Grão-Mestre Assistente da Grande Loja de Mestres Maçons da Marca do Estado do Espírito Santo.



## **Preconceito e ignorância – Educandário Alzira Bley**

### **Informativo**

Os recursos deste livro serão parcialmente revertidos ao Educandário através da Sociedade Eunice Weaver do Espírito Santo. Contamos com a colaboração de todos, façam visitas ao Educandário Alzira Bley, façam suas doações, os filhos do preconceito precisam de nós.

O Educandário Alzira Bley é uma fundação sem fins lucrativos que funciona desde a data de 24 de abril de 1940. Atualmente é administrada pela Sociedade Eunice Weaver do Espírito Santo, associação privada. Exercendo atividades de associações de defesa de direitos sociais.

Inicialmente havia uma instituição estrangeira que administrava. Atualmente é mantida apenas com a ajuda filantrópica.

Localiza-se no município de Cariacica, na Rua Projetada, s/n, Km 09, Estrada do Contorno, Bairro de Itanhangá, CEP 29.157-405.

Atualmente está atendendo apenas 70 crianças, sendo 35 crianças no turno da manhã e 35 no turno da tarde, poderia ajudar o dobro de crianças se houvesse colaboração do setor privado e também do setor público. A origem do Educandário se deu em função da necessidade de alojar e hospedar as crianças de famílias cujos entes

eram internados no centro de leprosos da comunidade. Dessa forma, por ali estabeleceram uma comunidade paralela à sociedade capixaba. Depoimentos do sofrimento causado pela separação foram relatados pelos antigos pacientes e familiares dos portadores da doença. A colônia tinha vida própria: igreja, hospital-maternidade, delegacia e as casas onde homens e mulheres viam seus corpos manifestar as sequelas de uma doença que, ainda hoje, registra no Brasil, por ano, cerca de 47 mil casos novos - no Espírito Santo foram 1.026 no último registro oficial em 2010. A separação forçada foi uma decisão de governo, por meio da Lei 610, de 1949, que fixava normas para a profilaxia da então chamada lepra, doença milenar.

A mesma lei impôs a internação compulsória aos hansenianos. Tão cruel quanto o isolamento é saber que embora a cura da doença tenha sido descoberta na década de 1940, a lei só foi revogada em 1962, e apenas em 1976 abriram-se as colônias às comunidades. E o pior: há registros no país de filhos separados dos pais até 1983. Em 2007, um decreto presidencial que deu aos doentes internados compulsoriamente, até 1986, direito à pensão vitalícia mensal de dois salários-mínimos. O Brasil pode tornar-se o primeiro país a fazer o mesmo em relação aos filhos separados dos pais. Mas não há dinheiro no mundo que pague tamanha dor. Lembranças desses terríveis anos de confinamento são encontradas na antiga colônia, hoje bairro Padre Matias, em Cariacica, de onde pode-se ver, à distância, o Educandário Alzira Bley.

As referências mais remotas da doença datam de 600 a.C. O bacilo é transmitido por gotículas de saliva quando a pessoa fala, espirra ou tosse. Um dos primeiros sintomas é a perda da sensação térmica em uma parte do corpo. Além da pele, a doença afeta o sistema nervoso periférico. É tratada com antibióticos, entre 6

meses e 1 ano.

Há 36 colônias no Brasil. Em 1893, foi inaugurado em São Paulo o Desinfetório Central, uma das instituições pioneiras na área do serviço sanitário do qual se referenciou para a criação do espaço em Cariacica, Espírito Santo, cerca de 20 dessas pessoas estiveram na câmara dos deputados onde deram seus depoimentos.

Os depoimentos: Memória viva, lá, entre outros, estão Natal da Silva Castro, 76, e sua mulher Maria, 66. Ele, de Mimoso do Sul, interior do Espírito Santo; ela, de Nova Horizonte, Minas Gerais, internados na colônia na adolescência. Maria chegou com a mãe, também infectada, e Natal, sozinho, ao lugar onde casaram e tiveram dois filhos. "Não pude beijá-los nem os amamentar", lamenta a mulher, que viu seus bebês serem levados ainda na maternidade. Aureni Castro Rocha, filha de seu Natal e dona Maria, viveu no Alzira Bley por três anos e hoje coordena o Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas pela Hanseníase (Morhan) em Cariacica. Teve sorte, porque seus pais desligaram-se da colônia por 22 anos, e puderam criá-la.

"Vivemos um holocausto brasileiro. Dizem que meus 2 irmãos morreram, mas ninguém viu a certidão de óbito deles"

José Irineu Ferreira, 62, aposentado

"Era somente por trás de uma grade que os pais de Maria Aparecida Galazzi, José Irineu Ferreira e Paulo Sérgio de Oliveira podiam vê-la. Nos "encontros" mensais, repletos de lágrimas, não havia abraços ou qualquer tipo de toque. A hanseníase, que fez os adultos serem confinados como num campo de concentração nazista no Hospital-Colônia Pedro Fontes, em Cariacica, também condenou as crianças ao isolamento. Assim que nasciam, eram retiradas dos pais e enviadas ao Educandário Alzira Bley. "

Maria Aparecida Galazzi foi uma delas. Aos 56 anos, não consegue chamar de mãe dona Geraldina, 75 - sem uma das pernas por causa da hanseníase -, embora viva com ela desde a adolescência. "Cuido, mas não tenho o sentimento, entende? Meus irmãos também não...", justifica-se.

José Irineu, 62, e Paulo Sérgio, 43, também cresceram sem colo ou carinho de pai e mãe no Alzira Bley. "O Estado foi negligente com a gente", dizem eles. José Irineu garante que só sobreviveu porque era amamentado por uma lavadeira do educandário. Mas seus dois irmãos teriam morrido no local porque lhes faltara leite. Lucimar Teixeira da Silva, 54, também sofreu com a hanseníase que fez seu pai ser levado à força, pela polícia sanitária, desestruturando sua família. Ela e uma irmã foram levadas para o Alzira Bley. "Minha mãe, com quem perdi contato, morreu há anos. E meus sete irmãos sumiram", lamenta.

Até hoje, na tentativa de libertar-se dos "fantasmas" da infância no educandário, submete-se a tratamento psiquiátrico. O quarto escuro com baratas, castigo pelo xixi no colchão, é um deles. José Irineu também lembra da carência que o fazia até comer terra no internato. Ele e Paulo saíram do educandário aos 17 anos; Lucimar, aos 20. Com Maria Galazzi, integram um grupo de quase 40 mil filhos brasileiros separados de pais que tiveram hanseníase, e reivindicam do governo pedido de perdão e indenização financeira pela violência

Muitas crianças, segundo o coordenador nacional do Morhan, Artur Custódio, teriam sido dadas em adoção, mas a seus pais informava-se que haviam morrido. Em busca dos desaparecidos, está sendo montado um banco genético.

José Augusto Gomes da Silva, 45, que desde os 17 anos, quando saiu do Alzira Bley,

desconhece o destino de cinco de seus oito irmãos, cedeu material para a busca. Ele admite sofrer de transtorno mental por causa do sofrimento de anos longe dos pais doentes. "Fui expulso da Marinha após um oficial saber que era filho de leproso", diz, indignado. Também por causa do seu "pai leproso", por ordem da gerente da loja que a demitiu, Lucimar teve que tomar banho de álcool. Desde então, aprendeu a mentir sobre sua origem. Por anos, nem o marido sabia a sua história.

José Irineu e Paulo Sérgio lembram que há filhos separados hoje mendigando, dependentes de álcool e drogas. São "órfãos" da hanseníase por quem busca-se o resgate da dignidade.

# Introdução

Para o entendimento e chegarmos a uma conclusão referente a temática é importante que tomar conhecimentos de alguns personagens, iniciaremos falando sobre cada um deles e o sua participação na contextualização da teoria proposta. Importante frisar que objeto deste material vem de encontro ao preconceito e uma instituição vítima da oratória do desconhecimento de causas levando ao caos e até mesmo a destruição, cabe ressaltar que a fala tem um poder tão cruel e avassalador que pode ser mais poderosa bomba já lançada sobre a terra. Tanto o educandário quanto a maçonaria, em contextualizações diferentes, sofreram com a disseminação de boatos mentiras e lendas que criaram um conceito sobre uma doença e difamatório sobre uma ordem mundialmente conhecida e com relevantes trabalhos para o desenvolvimento social econômico e cultural da humanidade. Desta forma juntamos uma história atual a um secular para dar ênfase a proposta da maçonaria: disseminando preconceitos e como um julgamento precoce pode mudar rumos e traçar caminhos complicados. Para facilitar os tópicos seguintes devem ser esclarecidos.

1. Cruzadas
2. Felipe IV, o Belo
3. Papa Clemente V
4. Felipe V e Clemente XII
5. Templários
6. Jaques Demolay
7. Maçonaria

Faremos uma breve biografia e descrição de cada um deles para aprimorar e facilitar o papel de cada um e como suas atitudes e suas representações mudarem e influenciaram por séculos o pensamento das civilizações, além de correlacionar com alguns dos grandes momentos da história da humanidade. As teorias propostas são fictícias baseadas em estudos e documentações diversas já que todos os relatos são meramente especulativos exceto as documentações recuperadas e arquivadas em acervos espalhados pelo mundo. Porque uma ordem com tantos serviços prestados ao patrimônio e a humanidade tem sido vítima de tantas calúnias e acusações, de onde surgiram e de que maneira foram passadas por séculos conceitos, rituais que jamais existiram? Desmistificar e afastar o preconceito equivocado contra a ordem que mais colaborou em todos os tempos para o progresso e desenvolvimento da humanidade. A abertura do

acervo do vaticano e descoberta do pergaminho de Chinon vem à tona toda a verdade sobre o julgamento dos templários e a maneira covarde e criminoso que o Rei de França “Felipe, O Belo” e o Papa Clemente V, seu comparsa, articularam, planejaram e se beneficiaram com a execução da Ordem. Os arquivos secretos do vaticano nos conduzem ao entendimento de dezenas de teorias conspiratórias que permaneceram por séculos, passadas por gerações, incentivadas pelos interesses pessoais de organizações e governos. Posteriormente as ações políticas bem como as calúnias e difamação contra a ordem maçônica seguiu por séculos e os maçons de todo o mundo se mantiveram discretos com seu posicionamento ético e moral, comum a toda ordem. Os desmandos e arbitrariedades de governantes não são novidade, pois, desde os primórdios exercem o pleno poder com imoralidade e falta de ética, onde desonestidade, falta de solidariedade humana e fidelidade são constantes na história. Podemos dizer que a delação, falta de decoro e demais termos constantes em nossas mídias atuais são pré-históricas. O relato apresentado vem em defesa da ordem maçônica e servirá como parâmetro para julgamento pessoal baseado em documentos e fatos. A relação das ocorrências na idade média e algumas da atualidade não são meras coincidências, são manifestos de como atos ilícitos se perpetuam.



# Conceito de maçonaria

A maçonaria é uma fraternidade que surgiu na Europa, com raízes na Idade Média, e que se desenvolveu ao longo dos séculos em uma organização com princípios filosóficos, éticos e sociais. Originalmente, a maçonaria era composta por pedreiros e construtores de catedrais, mas ao longo do tempo evoluiu para uma organização mais voltada para o desenvolvimento pessoal e social dos seus membros.

## Princípios e Objetivos

### 1. Busca pelo Conhecimento:

Os maçons valorizam a busca constante pelo conhecimento e pelo autoaperfeiçoamento. Eles acreditam que a educação e o aprendizado são fundamentais para o crescimento pessoal e a melhoria da sociedade.

2. Fraternidade e Solidariedade:\*\* A maçonaria promove a fraternidade entre seus membros, independentemente de suas origens ou crenças pessoais. A solidariedade e o apoio mútuo são aspectos centrais da prática maçônica.

3. Ética e Moralidade:\*\* Os maçons se comprometem a viver de acordo com altos padrões éticos e morais. A prática de virtudes como honestidade, justiça e integridade é incentivada.

4. Tolerância e Respeito:\*\* A maçonaria valoriza a tolerância religiosa e filosófica, incentivando o respeito pelas diferentes crenças e opiniões. A ideia é promover a convivência pacífica e a compreensão mútua.

### Estrutura e Rituais

A maçonaria é organizada em várias lojas maçônicas, que são as unidades básicas da organização. Cada loja é composta por membros que se reúnem regularmente para discutir questões filosóficas, realizar rituais e promover atividades de caridade e benevolência.

Os rituais maçônicos são uma parte importante da prática, com simbolismos e cerimônias que têm o objetivo de transmitir ensinamentos e fortalecer os laços entre os membros. Esses rituais variam de acordo com a tradição e a jurisdição, mas geralmente envolvem símbolos como o esquadro e o compasso.

### Maçonaria e Sociedade

Ao longo da história, a maçonaria desempenhou um papel significativo em diversos eventos sociais e políticos, com membros influentes em muitos países. No entanto, a maçonaria também é frequentemente alvo de teorias da conspiração e mal-entendidos, em parte devido ao seu caráter reservado e aos seus rituais simbólicos.

Em resumo, a maçonaria é uma organização que busca promover a melhoria pessoal e social através da fraternidade, do aprendizado e da prática de altos princípios éticos.

A maçonaria, uma fraternidade que tem suas raízes na Idade Média, continua a desempenhar um papel complexo e multifacetado no mundo atual. Aqui estão algumas perspectivas sobre sua influência e relevância contemporânea:

### 1. **\*\*Diversidade e Inclusão\*\***

A maçonaria moderna é muito mais diversa do que em suas origens. Muitas organizações maçônicas têm adotado uma postura mais inclusiva, permitindo a entrada de mulheres e membros de diferentes etnias e origens. Algumas lojas maçônicas são exclusivas para homens, mas outras se tornaram mistas ou totalmente femininas.

### 2. **\*\*Influência Cultural e Social\*\***

A maçonaria continua a influenciar diversos aspectos culturais e sociais. Membros de destaque da maçonaria têm sido políticos, cientistas e líderes empresariais, e a ordem tem sido associada a muitas figuras históricas importantes. No entanto, a percepção pública da maçonaria pode variar bastante, desde a admiração por sua história e contribuição para a sociedade até teorias da conspiração que a retratam de maneira negativa.

### 3. **\*\*Envolvimento Comunitário\*\***

Muitas lojas maçônicas estão ativamente envolvidas em projetos de caridade e serviços comunitários. A maçonaria moderna frequentemente se dedica a iniciativas filantrópicas, apoiando causas como educação, saúde e desenvolvimento comunitário.

### 4. **\*\*Adaptação aos Tempos Modernos\*\***

A maçonaria tem enfrentado desafios em se adaptar às mudanças sociais e culturais. Enquanto alguns argumentam que a ordem precisa se modernizar para atrair novos membros, outros defendem a preservação das tradições e rituais que definem a maçonaria. A adaptação pode incluir a modernização das práticas de comunicação e a reavaliação dos requisitos de adesão.

### 5. **\*\*Transparência e Percepção Pública\*\***

A maçonaria é frequentemente vista através de uma lente de mistério e segredo, o que pode levar a mal-entendidos e especulações. Organizações maçônicas têm tentado aumentar a transparência e melhorar sua imagem pública para combater a desinformação e promover uma melhor compreensão da ordem.

### 6. **\*\*Globalização\*\***

Com a globalização, a maçonaria também está se tornando mais internacional. A troca de ideias e a colaboração entre lojas maçônicas de diferentes países têm se intensificado, promovendo uma maior compreensão e cooperação global.

Em resumo, a maçonaria no mundo atual é uma instituição em evolução, que busca equilibrar suas tradições com as demandas e expectativas contemporâneas. Sua influência pode ser vista tanto em contextos históricos e culturais quanto em ações comunitárias e filantrópicas, refletindo um papel multifacetado na sociedade moderna.

# As Cruzadas

Chama-se **Cruzada** a qualquer um dos movimentos militares de inspiração cristã que partiram da Europa Ocidental em direção à Terra Santa (nome pelo qual os cristãos denominavam a Palestina) e à cidade de Jerusalém com o intuito de conquistá-las, ocupá-las e mantê-las sob domínio cristão. Estes movimentos estenderam-se entre os séculos XI e XIII, época em que a Palestina estava sob controle dos turcos muçulmanos. No médio oriente, as cruzadas foram chamadas de "invasões francas", já que os povos locais viam estes movimentos armados como invasões e porque a maioria dos cruzados vinha dos territórios do antigo Império Carolíngio e se autodenominavam francos.

Os ricos e poderosos cavaleiros da Ordem de São João de Jerusalém (Hospitalários) e dos Cavaleiros Templários foram criados durante as Cruzadas. O termo é também usado, por extensão, para descrever, de forma acrítica, qualquer guerra religiosa ou mesmo um movimento político ou moral.

O termo *cruzado* não era conhecido no tempo histórico em que ocorreu. Na época eram usadas, entre outras, as expressões "peregrinação" e "guerra santa". O termo *Cruzada* surgiu porque seus participantes se consideravam soldados de Cristo, distinguidos pela cruz aposta a suas roupas. As Cruzadas eram também uma peregrinação, uma forma de pagamento a alguma promessa, ou uma forma de pedir alguma graça, e era considerada uma penitência.

Por volta do ano 1000, aumentou muito a peregrinação de cristãos para Jerusalém, pois corria a crença de que o fim dos tempos estava próximo e, por isso, valeria a pena

qualquer sacrifício para evitar o inferno. Incidentalmente, as Cruzadas contribuíram muito para o comércio com o Oriente.

## Felipe IV – O Belo

Filipe IV foi um rei polêmico, estando na origem da tentativa de deposição do papa Bonifácio VIII e da transferência do papado para a cidade de Avinhão, e criando as condições para, algumas décadas depois da sua morte, a eclosão da Guerra dos Cem Anos. No seu reinado suprimiu a Ordem dos Cavaleiros Templários a 13 de outubro de 1307, facto que provavelmente esteve na origem da superstição de as sextas-feiras dia 13 serem dias aziagos.

Há quem pense que o cognome o Belo deve-se a uma sua extraordinária beleza, segundo relatos contemporâneos. Também apelidado pelos seus inimigos e admiradores de o rei de Mármore ou o rei de Ferro, foi notável pela sua personalidade rígida e severa. Um dos seus mais ferozes oponentes, o bispo Bernardo Saisset de Pamiers, disse sobre o rei:

“Não é um homem nem uma besta. É uma estátua”.

Segundo filho de Filipe III de França com Isabel de Aragão, Filipe o Belo nasceu no castelo de Fontainebleau no ano de 1268. Quando o seu irmão mais velho morreu aos 12 anos de idade em 1276, tornou-se novo herdeiro do trono. Teve como preceptor Guilherme d'Ércuis, o capelão do seu pai.

Em 1284-1285 participou da cruzada aragonesa, a fracassada campanha francesa na Catalunha para depor o rei Pedro III de Aragão e colocar no seu lugar Carlos de Valois, o seu irmão mais novo. Com a derrota militar e a epidemia de disenteria que marcaram o fim desta campanha e atingiram o rei Filipe III, assumiu a liderança da hoste.

Tentou negociar a passagem da família real através dos Pireneus mas recebeu uma recusa do rei aragonês, e depois sofreu uma pesada derrota na batalha travada a 30 de



setembro e 1 de outubro, na qual Pedro massacrou o exército francês mas poupou a família real. Com a morte do rei de França em Perpilhã a 5 de outubro, por disenteria, Filipe subiu ao trono e abandonou a campanha. Foi coroado a 6 de janeiro de 1286 na catedral de Reims.

Juramento de vassalagem de Eduardo I de Inglaterra a Filipe IV após a sua coroação, pelos territórios ingleses em França, a 5 de junho de 1286 Grandes Chroniques de France, iluminura Jean Fouquet, Tours, c.1455-1460)

Determinado a fortalecer a monarquia, Felipe confiou, mais do que qualquer dos seus predecessores, na burocracia profissional de legalistas. Auxiliado por ministros como Pierre Flote, Guilherme de Nogaret e Enguerrando de Marigny, favoreceu o desenvolvimento das instituições administrativas e judiciárias.

Homem solene e silencioso, ao seu povo parecia distante do governo e, tendo encarregado os seus ministros de políticas específicas, especialmente as impopulares, foi chamado de "coruja inútil" pelos seus contemporâneos. Na verdade, o seu reinado marcou a transição da França, de uma monarquia carismática, passível de perder muito do seu poder sob um rei incapaz, para um reino burocrático, na direção da modernidade. Um ano antes de subir ao trono, a 14 de agosto de 1284, o Belo casara-se, aos 16 anos de idade, com Joana I de Navarra, filha de Henrique I de Navarra e Branca de Artois. O matrimónio conferiu-lhe os títulos de rei de Navarra e conde de Champagne, como Filipe I, até à morte da sua esposa a 4 de abril de 1305.

O Principal benefício administrativo desta união era que a herança de Joana em Champagne e Brie, adjacente aos domínios reais na Île-de-France, foi efetivamente unida às terras do rei, formando uma ampla área. Durante os reinados de Joana e dos seus

três filhos (1284–1328), estas terras pertenciam à pessoa do rei. Mas em 1328 já se encontravam tão ligadas aos domínios reais que o Filipe VI de França (da casa de Valois, não um herdeiro de Joana) fez uma troca de terras com a herdeira dessa época, Joana II de Navarra. Estes territórios permaneceram com a coroa francesa, tendo Joana II recebido terras no oeste da Normandia em compensação. O reino de Navarra nos Pireneus não tinha a mesma importância para os interesses da época dos monarcas franceses. Permaneceu em união pessoal de 1284 a 1328, tendo depois revertido para Joana II de Navarra e para a casa de Évreux. Outras adições de Filipe aos domínios reais foi Lião em 1312 e a compra da região de Quercy (aproximadamente o atual departamento de Lot) à Inglaterra por três mil libras. No seguimento da política externa de São Luís, Filipe teve vários contatos com o Ilcanato mongol no Médio Oriente, que pretendia obter a cooperação de reinos cristãos para a luta contra os muçulmanos. Recebeu a embaixada do monge sino-mongol Rabban Bar Sauma, e um elefante como presente. Filipe terá respondido com uma positiva à solicitação.

O rei francês também ofereceu presentes à embaixada e enviou um dos seus nobres, Gobert de Helleville, para os acompanhar até aos domínios mongóis. Este partiu a 2 de fevereiro de 1288, juntou-se a Bar Sauma em Roma e seguiram para a Pérsia. De Bagdade, Arghun Khan voltou a escrever em 1289, em resposta a uma carta de Filipe de 1288, reafirmando a cooperação militar, exortando-o a conquistar o Egito, em troca do qual o mongol oferecer-lhe-ia Jerusalém.

Ao contrário do seu avô Luís IX de França, Filipe IV não deu continuidade a estes planos sob a forma de uma cruzada. No entanto, organizou uma colaboração militar com os

mongóis através dos Cavaleiros Templários contra os mamelucos. O plano era coordenar as ações entre as ordens militares cristãs, o rei e a aristocracia de Chipre e do Reino Arménio da Cilícia, e os mongóis do Ilcanato.

“ Se de facto os mongóis, apesar de não serem cristãos, vão lutar contra os árabes pela captura de Jerusalém, é especialmente adequado que nós lutemos ao lado destes], e se Deus quiser, avançar com toda a força. ”

De 1298 a 1302, o grão-mestre Jacques DeMolay esteve no Próximo Oriente a combater os mamelucos e a aguardar a ligação com as forças mongóis, o que não chegou a acontecer. Em setembro de 1302 os Templários foram expulsos da sua fortaleza em Arwad e quando Ghazan, o khan mongol da Pérsia, morreu em 1304, acabaram os planos de uma rápida reconquista da Terra Santa.

Em abril de 1305, o novo governante mongol Oljeitu enviou cartas para Filipe, o papa, e para Eduardo I da Inglaterra. Mais uma vez ofereceu uma aliança militar e as nações europeias prepararam uma cruzada, mas houve atrasos na preparação e esta acabou por nunca se realizar. Entretanto o filho de Oljeitu assinou um tratado em Alepo com os mamelucos em 1322.

O início de hostilidades com a Inglaterra em 1294 era o resultado inevitável das monarquias competitivas e expansionistas, despoletado por um secreto pacto franco-escocês de ajuda mútua contra Eduardo I.

Foram realizadas campanhas inconclusivas pelo controle da Gasconha em 1294-1298 e em 1300-1303. Filipe ocupou a Flandres em 1300 e conquistou a Guienne, mas foi obrigado a devolver este último território aos ingleses e a dar a sua irmã Margarida de França em casamento ao monarca inglês em 1299.

Há décadas que não ocorria um importante conflito na Europa, e, entretanto, a natureza da guerra tinha mudado: tornara-se mais profissional, tecnologicamente mais avançada e muito mais dispendiosa. A procura de rendimentos para pagar as despesas militares marcou o reinado de Filipe e a reputação que criou para os seus contemporâneos.

Segundo os termos do Tratado de Paris de 1303, foi acordado o casamento de Isabel, filha de Felipe, com Eduardo, príncipe de Gales e herdeiro de Eduardo I. A união ocorreu em Bolonha a 25 de janeiro de 1308, e pretendia selar uma paz. Em algumas décadas levaria a uma posterior pretensão inglesa ao trono francês e à Guerra dos Cem Anos.

Em 11 de julho de 1302, a França sofreu uma derrota de um exército de 2500 nobres (cavaleiros e escudeiros) e 4.000 soldados de infantaria, enviado para suprimir uma revolta na Flandres, na batalha das esporas douradas, perto de Kortrijk.

O Rei de Ferro reagiu energicamente e liderou pessoalmente uma vitoriosa campanha com a batalha de Mons-en-Pévèle, na actual região de Nord-Pas-de-Calais, dois anos depois. Em 1305, obrigou os flamengos a aceitar um desvantajoso tratado de paz que obrigou a fortes reparações e penalidades humilhantes, e adicionou as ricas cidades de Lille e Douai, grandes produtoras de tecidos, ao território real.

Béthune, a primeira cidade a render-se, foi concedida a Matilde, condessa de Artois. Para garantir a sua fidelidade, as suas duas filhas, Joana e Branca, casaram-se com Filipe e Carlos, respectivamente, filhos de Felipe IV.

Papa Bonifácio VIII, afresco de Giotto di Bondone na Basílica de São João em Laterano.

Para financiar estas guerras, Filipe IV viu-se obrigado a recorrer a várias desvalorizações da moeda entre 1290 e 1309. Como medida de curto prazo, perseguiu os judeus de modo a tomar os seus bens, prendendo e chegando a expulsá-los dos

territórios franceses em 1306.

Também confiscou os bens dos banqueiros lombardos em 1292 e de abades mais abastados. Para a história ficou a condenação destas ações e dos seus gastos excessivos pelos seus inimigos na Igreja Católica, uma vez que os cronistas deste tempo eram na maioria monges.

Quando lançou alguns impostos sobre o clero, de cerca de metade do seu rendimento anual, iniciou um conflito com o papado. A 24 de fevereiro de 1296, o papa Bonifácio VIII emitiu a epístola decretal *Clericis laicos*, proibindo a transferência de qualquer propriedade da Igreja para a coroa francesa sem o acordo prévio de Roma, e a incitar uma aberta batalha diplomática contra o rei.

Envolvido em outros problemas com os aragoneses da Sicília e a família Colonna, o papa acabou por ceder, compondo as bulas *Romana mater* (fevereiro de 1297) e *Etsi de statu* (julho de 1297). Esta última continha uma renúncia formal à defesa dos bens eclesiásticos contra o arbítrio real da decretal *Clericis laicos*. No mesmo ano canonizou o rei Luís IX de França sob o nome de "São Luís da França", um processo impulsionado por Filipe IV.

Mas em 1300, pela bula *Unam Sanctam*, Bonifácio declarou a superioridade do poder espiritual sobre o poder temporal, e por consequência, a superioridade do papa sobre os reis, que responderiam perante o líder da Igreja. Era de fato uma tentativa de instauração de uma teocracia na Europa ocidental.

Filipe respondeu proibindo a exportação de dinheiro francês para os Estados Pontifícios e convocou uma assembleia de bispos, nobres e grandes burgueses de Paris. Esta seria a precursora dos Estados Gerais que também surgiriam pela primeira vez no seu reinado, mais uma medida profissional e organizativa que os seus ministros introduziram no

governo.

O rei saiu vitorioso do encontro, adotando uma política de independência em relação à Santa Sé e opondo-se ao papa. Procurou então o apoio de todos os seus súditos a fim de legitimar a sua luta. Bonifácio VIII ameaçou-o de excomunhão e de interdição (o equivalente à excomunhão, aplicada a um território) sobre o reino da França. Legalistas franceses falsificaram a bula para a tornar injuriosa ao poder civil e à França. Com um forte apoio no seu reino, em 1303 o Belo enviou o seu conselheiro Guilherme de Nogaret com uma pequena escolta armada para Roma, com o objetivo de prender o papa e de o levar a julgamento perante um concílio.

Este episódio, conhecido como o atentado de Anagni tornar-se-ia em um dos grandes escândalos do reinado de Filipe IV. A sua narrativa popular teve uma grande importância na reputação de poder e implacabilidade do "Rei de Ferro", apesar de não ter estado diretamente envolvido no incidente.

A Nogaret juntou-se a um inimigo pessoal de Bonifácio, Sciarra Colonna, membro da nobreza romana, que lhe indicou que o papa se refugiara em Anagni. Encontraram-no só, um homem de 68 anos de idade, na grande sala do palácio episcopal, abandonado pelos seus partidários. Sentado numa alta cadeira, com hábitos de cerimônia, não reagiu à irrupção dos homens armados.

À aproximação do francês e do italiano, inclinou ligeiramente a cabeça e declarou: 'Eis a minha cabeça, eis a minha tiara: morrerei, é certo, mas morrerei papa'. Guilherme de Nogaret recuou, impressionado, enquanto Sciarra Colonna, no seu ódio por Bonifácio VIII, avançou e lhe deu uma bofetada, com a mão coberta pela luva de ferro da armadura. Sob a violência do golpe, o papa caiu do trono para o chão.

Pouco depois, a população de Anagni, envergonhada de ter abandonado o papa, ocorreu ao palácio e perseguiu a destacamento francês, mas tarde demais: a violência a que fora sujeito perturbou a sanidade mental de Bonifácio. Morreu no mês seguinte, sem reconhecer os seus conhecidos e a recusar a extrema unção.

Em 1305, depois da morte, sob suspeitas de envenenamento, do sucessor do Papa Bento XI, o novo papa Clemente V revelar-se-ia mais cooperante. De origem francesa, permitiu o estabelecimento pelo rei francês do papado de Avinhão, em um enclave no sul da França, e seria uma ajuda preciosa na supressão da Ordem dos Templários.

Templários queimados por acusação de heresia contra a Igreja Católica, Crônica de França ou de Saint Denis, século XIV-XV, na Biblioteca Britânica Fundada em 1118 com o objetivo de proteger os peregrinos que se dirigiam a Jerusalém, ao longo de dois séculos a Ordem dos Templários acumulou grandes riquezas. O seu poder era tal que tinham apenas o dever de responder perante o papa.

Com graves problemas de caixa e tendo de recorrer a empréstimos junto aos templários para custear os negócios do seu reino, Filipe IV usou a sua influência sobre Clemente V, sob a sua dependência, para acabar com a ordem e confiscar todos os seus bens. Para isso pôs em andamento uma estratégia de descrédito, acusando-os de heresia, imoralidade, sodomia e diversos outros crimes.

Na sexta-feira, dia 13 de outubro de 1307, centenas de cavaleiros templários por toda a França foram presos simultaneamente por agentes de Filipe o Belo e sujeitos a tortura para confessarem a heresia da própria ordem religiosa, fato que provavelmente esteve na origem da superstição de as sextas-feiras dia 13 serem dias aziagos.

Em 1312, o papa francês extinguiu a ordem por uma bula, retirando a sua proteção e o seu

estatuto eclesiástico. Filipe tomou as consideráveis riquezas dos templários e acabou com o seu sistema bancário monástico. Os líderes templários foram supliciados. Em 1314, o último grão-mestre, Jacques DeMolay, foi queimado na fogueira em Paris. De acordo com a lenda, de dentro das chamas este amaldiçoou o rei Filipe IV e sua descendência, o papa Clemente V e o ministro Guilherme de Nogaret, afirmando estes seriam convocados perante o tribunal de Deus no prazo de um ano. De facto, todos os três morreram dentro desse prazo.

Filipe o Belo morreu a 29 de novembro de 1314 devido a um derrame cerebral, vindo a falecer dias depois de um segundo ataque, no castelo de Fontainebleau. Segundo os documentos e os relatórios de embaixadores, chega-se à conclusão de que tenha sucumbido a uma apoplexia cerebral em zona não motora, que se manifestou pela primeira vez enquanto caçava um cervo com sua tropa, dias antes da recaída mortal.

O seu coração foi transportado para o Mosteiro de Poissy, assim como a cruz dos Templários, e lá permaneceu até à noite de 21 de julho de 1695, quando um raio caiu sobre a igreja do mosteiro e incendiou-a quase completamente, destruindo a cruz e o coração do rei. A sua sepultura na Basílica de Saint-Denis, como muitas outras, foi profanada em 1793, durante a Revolução Francesa.

O seu reinado assinalou o declínio do poder papal, depois de um período de autoridade absoluta sobre as nações europeias. O 33



palácio do rei, na Île de la Cité, é atualmente representado pelas secções remanescentes da Conciergerie.

O final do seu reinado foi marcado também pelo caso da Torre de Nesle, quando as suas três noras foram envolvidas em um escândalo de adultério e crime de lesa-majestade que marcaria a história da França, com graves consequências na linha sucessória do trono francês. As repercussões deste caso condicionariam os reinados dos seus três filhos, no desejo de darem continuidade à dinastia capetiana.

Nas décadas seguintes seria sucedido pelos seus três filhos varões sobreviventes, um após o outro. A morte do último, Carlos IV, trouxe a coroa para Filipe VI da casa do seu irmão Carlos de Valois. Esta sucessão foi contestada por Eduardo III da Inglaterra, filho da sua filha Isabel, o que originou a Guerra dos Cem Anos entre as duas nações.

Filipe o Belo é um dos principais personagens dos dois primeiros volumes da série de sete, do romance histórico *Os Reis Malditos* (em francês: *Les Rois maudits*) de Maurice.

## Papa Clemente V

**Clemente V**, nascido *Bertrand de Gouth* (perto de Villandraut, 1264 — Roquemaure, 20 de Abril de 1314) foi Papa entre Junho de 1305 até à sua morte.

Seu túmulo está na igreja colegiada (que ele havia construído) em Uzeste, província de Gironde. Foi bispo de Saint-Bertrand-de-Comminges, antes de se tornar papa.

Foi eleito após um longo conclave realizado em Perugia, onde se defrontaram os interesses dos cardeais italianos e franceses. Isso acontece após um pacto selado com o então rei da França, Filipe, o Belo, no qual o monarca, com seu poder e influência o ajudou a alcançar esse lugar principalmente para que retirasse a excomunhão da família real francesa, colocada pelo Papa Bonifácio VIII.

O seu pontificado ficou marcado por duas coisas: pela mudança da Santa Sé de Roma para Avinhão em 1309, justificado pelos tumultos existentes em Itália, e pela destruição trágica da Ordem dos Cavaleiros Templários (ordem criada pela própria Igreja Católica), que defendiam e protegiam os cristãos pela Terra Santa. Clemente V foi forçado por Felipe à realizar uma investigação *post mortem* contra a memória do Papa Bonifácio VIII, inimigo de Felipe, que forjou acusações, porém durante o Concílio de Vienne, que se reuniu em 1311, a ortodoxia e moralidade do papa morto foi confirmada **Papa**

## Clemente XII

Clemente XII nascido Lorenzo Corsini (Florença, 7 de Abril de 1652 — Roma, 6 de Fevereiro de 1740) foi Papa de 12 de Julho de 1730 até à data da sua morte. Chegara aos

79 anos de idade e ficou cego aos 81, mas era robusto.

Permitiu o julgamento e a prisão de Nicolau Coscia, que havia sido elevado ao cardinalato indignamente. O novo Papa repreendeu com energia o rei Carlos Emanuel III de Saboia, Rei da Sardenha, porque conservava preso seu pai abdicatário. Resolveu a questão do nuncio Bigli con Dom João V de Portugal. Estimulou Filipe V da Espanha na reconstrução de colégios, monumentos e embelezamento das cidades sob seu reinado.

O rei Carlos III e o Imperador, que disputavam a posse do reino das Duas Sicílias entraram em uma guerra aberta que devastava toda a Itália. Durante este pontificado, Santo Afonso de Ligório fundou a Congregação do Santíssimo Redentor em 1732, os redentoristas.

Foi o primeiro Papa a condenar publicamente a Maçonaria, através da encíclica In Eminenti, datada de 1738. Este ativo Papa defendeu a independência da minúscula República de São Marino.

Organizou museus, renovou as fachadas de vários prédios públicos, retraiu os vários caminhos por onde circulavam as pessoas pela cidade de Roma, reconstruiu muitos monumentos e várias fontes públicas, como a famosa fonte de Trevi, ergueu colégios para ampliar a educação, reformou a Sé de Pedro, etc.

Canonizou São Vicente de Paulo e lutou contra o jansenismo. Interessou-se pela reunião das Igrejas Católica e Ortodoxa.

Morreu aos 90 anos com fama de santidade e está sepultado num túmulo grandioso na Basílica de São João de Latrão, cuja nova fachada foi feita no seu pontificado. Importante lembrar que coincidentemente o Rei a época era Felipe V.

## Os Templários e sua Ordem

A Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão (em latim: "Ordo Pauperum Commilitonum Christi Templique Salominici"), conhecida como Cavaleiros Templários, Ordem do Templo (em francês: Ordre du Temple ou Templiers) ou simplesmente como Templários, foi uma ordem militar de Cavalaria. A organização existiu por cerca de dois séculos na Idade Média, fundada no rescaldo da Primeira Cruzada de 1096, com o propósito original de proteger os cristãos que voltaram a fazer a peregrinação a Jerusalém após a sua conquista.

Os seus membros fizeram voto de pobreza e castidade para se tornarem monges, usavam mantos brancos com a característica cruz vermelha, e o seu símbolo passou a ser um cavalo montado por dois cavaleiros. Em decorrência do local onde originalmente se estabeleceram (o monte do Templo em Jerusalém, onde existira o Templo de Salomão, e onde se ergue a atual Mesquita de Al-Aqsa) e do voto de pobreza e da fé em Cristo denominaram-se "Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão".

O sucesso dos Templários esteve vinculado ao das Cruzadas. Quando a Terra Santa foi perdida, o apoio à Ordem reduziu-se. Rumores acerca da cerimônia de iniciação secreta dos Templários criaram desconfianças, e o rei Filipe IV de França - também conhecido como Felipe, O Belo - profundamente endividado com a Ordem, começou a pressionar o papa Clemente V a tomar medidas contra eles. Em 1307, muitos dos membros da Ordem em França foram detidos e queimados publicamente. Em 1312, o papa Clemente dissolveu a Ordem. O súbito desaparecimento da maior parte da infraestrutura europeia da Ordem deu origem a especulações e lendas, que mantêm o nome dos templários vivo até aos

dias atuais.

A ordem foi fundada por Hugo de Payens em 1118, com o apoio de mais 8 cavaleiros e do rei Balduíno II de Jerusalém, após a Primeira Cruzada, com a finalidade de proteger os peregrinos que se dirigiam a Jerusalém, vítimas de ladrões em todo o percurso e, já na Terra Santa, dos ataques que os muçulmanos faziam aos reinos cristãos que as Cruzadas haviam fundado no Oriente.

Oficialmente aprovada pelo papa Honório II em torno de 1128, a ordem ganhou isenções e privilégios, dentre os quais o de que seu líder teria o direito de se comunicar diretamente com o papa. A Ordem tornou-se uma das favoritas da caridade em toda a cristandade, e cresceu rapidamente tanto em membros quanto em poder; seus membros estavam entre as mais qualificadas unidades de combate nas Cruzadas e os membros não-combatentes da Ordem geriam uma vasta infraestrutura econômica, inovando em técnicas financeiras que constituíam o embrião de um sistema bancário, e erguendo muitas fortificações por toda a Europa e a Terra Santa.

A regra dessa ordem religiosa de monges guerreiros (militar) foi escrita por São Bernardo. A sua divisa foi extraída do livro dos Salmos: "Non nobis Domine, non nobis, sed nomini tuo ad gloriam" (Slm. 115:1 - Vulgata Latina) que significa "Não a nós, Senhor, não a nós, mas pela Glória de teu nome" (tradução Almeida).

O seu crescimento vertiginoso, ao mesmo tempo em que ganhava grande prestígio na Europa, deveu-se ao grande fervor religioso e à sua poderosa força militar. Os papas guardaram a ordem acolhendo-a sob sua imediata proteção, excluindo qualquer intervenção de qualquer outra jurisdição, fosse ela secular ou episcopal. Não foram menos importantes também os benefícios temporais que a Ordem recebeu dos

soberanos da Europa.

A primeira sede dos cavaleiros templários, a Mesquita de Al-Aqsa, em Jerusalém, o monte do Templo. Os cruzados chamaram-lhe de o Templo de Salomão, como ele foi construído em cima das ruínas do templo original, e foi a partir desse local que os cavaleiros tomaram seu nome de templários.

As Cruzadas foram guerras proclamadas pelo papa, em nome de Deus, e travadas como se fossem uma iniciativa do próprio Cristo para a recuperação das regiões cristãs invadidas pelos mouros (muçulmanos), em defesa da cristandade. A Primeira Cruzada foi pregada pelo papa Urbano II, no Concílio de Clermont, em 1095.

A sua justificativa tinha como fundamento a recuperação da herança de Cristo, restabelecer o domínio da Terra Santa e a proteção dos cristãos contra o avanço dos veneradores do Islão. Esta dupla causa foi comum a todas as outras expedições contra as terras pertencentes aos reinos de Alá e, desde o princípio, deram-lhes o carácter de peregrinações.

As cruzadas tomaram Antioquia (1098) e Jerusalém (1099), estabelecendo o principado de Antioquia, os condados de Edessa e de Trípoli, e o Reino Latino de Jerusalém, os quais sobreviveram até 1291.

A estas seguiram-se a Segunda Cruzada (1145-48) e a Terceira (1188-92) no decorrer da qual Chipre caiu sob domínio latino, sendo governado por europeus ocidentais até 1571. A Quarta Cruzada (1202-1204) desviou-se do seu curso, atacou e saqueou Constantinopla (Bizâncio), estabelecendo domínio latino na Grécia.

A Quinta Cruzada (1217-1221) foi a primeira do rei Luís IX da França. Contudo, houve também um grande número de empreendimentos menores (1254-1291), e foram estes que

se converteram na forma mais popular de cruzada. O poder da Ordem do Templo se tornou tão grande que, em 1139, o Inocêncio II emitiu uma bula, *Omne datum optimum*, declarando que os templários não deviam obediência a nenhum poder secular ou eclesiástico, apenas ao próprio papa.

Mais tarde, outros privilégios foram-lhes dados por meio das bulas *Milites Templi* em 1144 e *Militia Dei* em 1145.

"Um cavaleiro templário é verdadeiramente um cavaleiro destemido e seguro de todos os lados, para sua alma, é protegida pela armadura da fé, assim como seu corpo está protegido pela armadura de aço. Ele é, portanto, duplamente armado e sem ter a necessidade de medos de demônios e nem de homens."

Bernard de Clairvaux, c. 1135, *De Laude Novae Militae*—In Praise of the New Knighthood  
Em 14 de outubro de 1229, o papa Gregório IX redige uma outra bula, *Ipsa nos cogit pietas*, dirigida ao Grão-Mestre e aos cavaleiros da Ordem do Templo que os isenta de pagar o dízimo para as despesas da Terra Santa, atendendo "à guerra contínua que sustentavam contra os infiéis, arriscando a vida e a fazenda pela fé e amor de Cristo". Um contemporâneo (Jacques de Vitry) descreve os templários como "leões de guerra e cordeiros no lar; rudes cavaleiros no campo de batalha, monges piedosos na capela; temidos pelos inimigos de Cristo, a suavidade para com Seus amigos".

Levando uma forma de vida austera, os templários não tinham medo de morrer para defender os cristãos que iam em peregrinação à Terra Santa. Como exército, nunca foram muito numerosos: aproximadamente não passavam de 400 cavaleiros em Jerusalém no auge da Ordem. Mesmo assim, foram conhecidos como o terror dos muçulmanos.

Quando presos, rechagavam com desprezo a liberdade oferecida em troca da apostasia, permanecendo fiéis à fé cristã.

## Crescimento da ordem e a perda de sua missão

Com o passar do tempo, a Ordem do Templo ficou riquíssima e muito poderosa: receberam várias doações de terras na Europa, ganharam enorme poder político, militar e econômico, o que acabou permitindo estabelecer uma rede de grande influência no continente.

Também começaram a ser admitidas na ordem, devido à necessidade de contingente, pessoas que não atendiam aos critérios que eram levados em conta no início. Logo, o fervor cristão, a vida austera e a vontade de defender os cristãos da morte deixaram de ser as motivações principais dos cavaleiros templários.

As derrotas sofridas pela ordem reforçaram a ideia, nos altos escalões do clero, de que os templários já não cumpriam sua missão de liberar e proteger os caminhos para Jerusalém. A principal derrota aconteceu em 1291, quando os muçulmanos conquistaram São João de Acre, a última cidade cristã na Terra Santa. Antes de tal ocorrido, o rei Filipe, o Belo havia solicitado sua entrada na ordem, porém, não foi aceito por se recusar a abdicar de suas riquezas e poderes, a partir desse momento começou sua perseguição à Ordem do Templo. Na noite da sexta-feira 13 de março de 1314, o rei Filipe, o Belo e o papa Clemente V mandaram Jacques DeMolay (último grão-mestre dos templários) e Guy D'Auvergne (seu preceptor) à fogueira.

Templários condenados à fogueira pela Santa Inquisição.

Filipe IV de França pensou em apropriar-se dos bens dos templários, e por isso havia



posto em andamento uma estratégia de descrédito, acusando-os de heresia.

A ordem de prisão foi redigida em 14 de setembro de 1307 no dia da exaltação da Santa Cruz, e no dia 13 de outubro de 1307 (uma sexta-feira) o rei obrigou o comparecimento de todos os templários da França. Os templários foram encarcerados em masmorras e submetidos a torturas para se declararem culpados de heresia, no pergaminho redigido após a investigação dos interrogatórios, no Castelo de Chinon, no qual Filipe IV de França (Filipe, o Belo), influenciado por Guilherme de Nogaret, havia prendido ilicitamente o último grão-mestre do Templo e alguns altos dignitários da Ordem.

O Pergaminho de Chinon atesta que o papa Clemente V esteve para absolver os templários das acusações de heresia, evidenciando, assim, que a queda histórica da ordem se deu por causa da perda dessa sua vontade e de razões de oportunismo político que a ultrapassaram. Dela se aproveitou Filipe, o Belo, para se apoderar dos bens da ordem, acusando-a de ter se corrompido. Ele encarcerou os superiores dos templários, e, depois de um processo iníquo, os fez queimar vivos, pois obtivera deles confissões sob tortura, que eram consideradas nulas pelas leis da Igreja e da Inquisição, bem como pelos Concílio de Vienne (França) em 1311 e concílio regional de Narbona (França) em 1243.

## A Ordem em Portugal

Época de Teresa de Leão, condessa de Portugal, que lhe fez a doação da "villa" de Fonte Arcada, atual concelho de Penafiel, anteriormente a 1126. Em 1127, a condessa fez-lhe a doação do Castelo de Soure, na linha do rio Mondego, sob o compromisso de colaborar na conquista de terras aos Muçulmanos. No reinado de Afonso I de Portugal (1143-1185) a Ordem recebeu a doação do Castelo de Longroiva (1145), na linha do rio Côa. Pouco depois os cavaleiros da Ordem apoiaram o soberano na conquista de Santarém (1147) ficando sob responsabilidade da Ordem a defesa do território entre o rio Mondego e o rio Tejo, a montante de Santarém. A partir de 1160 a Ordem estabeleceu a sua sede no país em Tomar. O processo de extinção da Ordem no país iniciou-se com a recepção da bula "Regnans in coelis", datada de 12 de agosto de 1308, através da qual o Papa Clemente V deu conhecimento aos monarcas cristãos do processo movido contra os seus membros. Posteriormente, pela bula "Callidi serpentis vigil", datada de dezembro de 1310, o pontífice decretou a detenção dos mesmos. Dinis I de Portugal (1279-1325), a partir de 1310 procurou evitar a transferência do património da Ordem no país para a Ordem de São João do Hospital, vindo a obter, do Papa João XXII a bula "Ad ae exquibus", expedida em 15 de março de 1319, pela qual era aprovada a constituição da "Ordo Militiae Jesu Christi"

(Ordem da 47

Milícia de Jesus Cristo), à qual foram atribuídos os bens da extinta Ordem no país. A nova Ordem, após uma curta passagem por Castro Marim, veio a sediar-se também em Tomar.

## Pergaminho de Chinon

Chinon era a cidade francesa que ocorreu um dos episódios mais importantes envolvendo o julgamento dos templários, foi o local que o Rei Felipe aprisionou os líderes templários incluindo o grão-mestre Jacques DeMolay. Lá foram torturados até supostamente confessarem as acusações de heresia e blasfêmia. Foi então que o Rei Felipe divulgou à toda Europa a confissão do grão-mestre e do restante dos membros da ordem o que rapidamente causou um espanto em todos que recebiam a informação, pois até então os templários tinham uma reputação ilibada. Por consequência, ocorreu um verdadeiro caos social e começaram a surgir movimentos contrários aos templários. Estranhando a confissão, o papa Clemente organizou uma comissão que investigasse as informações prestadas pelo rei da França o que resultou num verdadeiro beco sem saída para o Papa. Em resumo dos acontecimentos, Jaques de Molay e os outros líderes, declararam que não suportaram as acusações e foram obrigados a confessar. Foi então que o Papa absolveu os Templários. A absolvição resultou num documento redigido pelo

Próprio Papa conhecido como

“O PERGAMINHO DE CHINON”.

Estranhamente esse documento se perdeu, as suas existências não passavam de suposições, mas foi encontrado em 2004 pela pesquisadora italiana Bárbara Frale, residente da Escola de Paleontologia do Vaticano. Mais estranho ainda, foi a declaração que esse documento foi descoberto nos arquivos secretos do Vaticano, pois não estava devidamente catalogado. A tradução literal do pergaminho foi publicada pelo vaticano apenas em 2007 e parte daquele documento assim mencionava:

“Castelo de Chion em 20 de agosto de 1308, na nossa presença e algumas testemunhas, o irmão-cavaleiro Jacques DeMolay, grão-mestre da Ordem dos Cavaleiros Templários, compareceu pessoalmente e jurou da forma e da maneira indicada, tendo sido diligentemente questionado, disse que a 42 anos fora recebido como irmão da ordem supra. Quanto à sua iniciação na Ordem, ele disse que, ao receber o manto, o receptor mostrou-lhe a cruz e disse que deveria renunciar ao Deus que cuja imagem estava representada naquela cruz, e cuspir na cruz. Foi o que ele fez, embora não tenha cuspido na cruz, mas perto dela, segundo suas palavras. Disse também que a renúncia foi feita em palavras, mas não em espírito. Quanto ao mistério de sodomia, a adoração da cabeça e a pratica de beijos ilícitos, ele, ao ser questionado diligentemente, disse que nada sabia sobre isso. Depois disso, decidimos estender a misericórdia da absolvição por esses atos ao irmão Jacques DeMolay, grão-mestre da dita Ordem” Tal documento foi a prova apresentada pelo Vaticano de que a igreja não foi favorável a erradicação dos Cavaleiros Templários.

### EXTERMÍNIO

Voltando na época de 1310, mesmo com a comprovação da igreja da inocência dos templários, seria impossível restabelecer a credibilidade dos cavaleiros, e não faltou insistência do Rei da França em prosseguir com o extermínio da Ordem. Após diversas manobras do rei francês, o papa tornou pública a decisão no dia 22 de março de 1312, que os Templários, embora não condenados, estavam extintos sob o argumento que a Ordem fora difamada demais para continuar.

A igreja com essa atitude lavava as mãos. De acordo com a prática, uma vez definido o destino de um réu, a Igreja o entregava às autoridades para que a pena fosse executada.

Nesse caso, os Templários da França, já estavam nas mãos do rei a muito tempo que passou apenas a cumprir seu desejo.

Os que confessarão novamente as acusações foram submissas a prisão perpétua, outros menos importantes ou que nada tinham a confessar foram mandados para mosteiros e lá ficaram pelo resto da vida. Os líderes, incluindo o grão-mestre, tiveram que esperar até o dia 18 de março de 1314. Naquele dia a sentença foi dada, com

base nas confissões anteriores, distorcidas pela coroa francesa, quatro líderes foram condenados a punições cruéis e perpétuas – apodrecer na prisão sem alimentos até que a morte lenta os libertassem. O Grão-mestre Jacques DeMolay e o Mestre da Normandia Godofredo de Charney, ficaram presos nas masmorras reais durante 7 anos e se recusaram ao encarceramento perpétuo e gritavam com todas as suas forças a inocência dos templários e sua pura e sagrada devoção a deus. Foram levados para ilha de Javiaux, pequena ilha no Sena a leste de Notre Dame, amarrados em estacas, prestes a serem incendiados vivos.

## A Vingança do Grão-Mestre

O único relato ocular registrado, foi de um monge anônimo, que nos diz que ele caminhou para a morte com tranquilidade e dedicação e ao ser envolvido pelas chamas ele jurou vingança e desafiou o Rei e o Papa a enfrentá-lo no tribunal de Deus no prazo de um ano e um dia. Curiosamente, em menos de 5 semanas, em 20 de abril, o Papa Clemente V morreu e naquele mesmo ano no dia 29 de novembro, decorrente de uma queda de cavalo, o Rei Felipe IV também morreu. Jacques DeMolay estava vingado!

## Os Templários sobreviventes e a Maçonaria

Fato que diversos países não concordaram com a atitude do Rei da França e não lançaram campanha para perseguição dos templários. Que se absteve ou prestaram refúgio para os cavaleiros foram Portugal e Escócia. O Rei de Portugal – Dinis – restituiu a Ordem dos Cavaleiros de Nosso Senhor Jesus Cristo, que em sua essência eram os templários com outro nome e com outros interesses, em específico, passaram a servir os interesses da coroa Portuguesa. Em 1418 foi nomeado grão-mestre da ordem o príncipe Henrique, que fundou a escola de navegação de sagres, quando se deu início as viagens exploratórias. A parte interessante nessa história é as embarcações portuguesas que levavam em suas velas o símbolo dos templários, a cruz vermelha, sendo, portanto, inegável relação entre a nova ordem e os cavaleiros da idade média. A rumores que a Escócia recebeu a ajuda dos cavaleiros templários na batalha de Bannockburn, que lutava pela independência escocesa. Uma tropa de templários invadiu a Inglaterra em momento decisivo e garantiu a vitória aos escoceses. Em gratidão, foram protegidos pela Escócia e foram assimilados a uma nova ordem, a dos maçons. 55





Fato absolutamente controvertido entre os estudiosos é a da Capela de Rosslyn, que associa a Escócia aos templários e aos maçons. A construção da Capela se deu em 1456, num lugar de um antigo templo que dizem se tratar de uma cópia arquitetônica perfeita do Templo de Salomão. O simbolismo e esculturas da capela são surpreendentes, como pilares retratando a cópia exata da coluna de Boaz, figuras representando as sementes de milho, e em síntese, um lugar que serviu de esconderijo para abrigar os segredos da ordem.

Sem dúvida foi uma ordem extraordinária, começaram pobres, lutando por uma causa nobre, numa terra santa, no momento que as três maiores religiões do mundo se voltaram para um único lugar, o monte do templo. De maneira muito rápida, se tornaram ricos e com forte poderio militar. Não se sabe exatamente o porquê dessa expansão, mas lá, nas ruínas do templo encontraram algo e concluímos que: em razão das especulações de estudiosos e arqueólogos, forçamos o Vaticano a se manifestar. O Código Da Vinci de Dan Brown (2003), não foi o primeiro romance a levantar teorias contrárias ao vaticano, ele apenas sucedeu dezenas de outros autores. Contudo, após o estouro do best seller em 2003/2004 forçamos a Igreja a se defender. Com a pueril alegação de não ter catalogado seus documentos históricos, do dia para noite encontram o pergaminho de Chinon (2004) – que relata que o Papa Clemente absolveu os templários –, ora é fato que existe muito mistério por trás dos templários, mas também há outros mistérios sob guarda do Vaticano, só basta lutarmos para livre investigação da verdade que ela se manifestará.

O chamado "Pergaminho de Chinon" ao declarar que Clemente V pretendia absolver a ordem das acusações de heresia, e que poderia ter dado eventualmente a absolvição ao

último grão-mestre, Jacques DeMolay, e aos demais cavaleiros, suscitou a reação da monarquia francesa, de tal forma que obrigou o papa Clemente V a uma discussão ambígua, sancionada em 1312, durante o Concílio de 57

Vienne, pela bula *Vox in excelso*, a qual declarava que o processo não havia comprovado a acusação de heresia.

Após a descoberta nos arquivos do Vaticano, da ata de Chinon, assinada por quatro cardeais, declarando a vontade de dar a inocência dos templários, sete séculos após o processo, o mesmo foi recordado em uma cerimónia realizada no Vaticano, a 25 de outubro de 2007, na Sala Vecchia do Sínodo, na presença de monsenhor Raffaele Farina, arquivista bibliotecário da Santa Igreja Romana, de monsenhor Sergio Pagano, prefeito do Arquivo Secreto do Vaticano, de Marco Maiorino, oficial do arquivo, de Franco Cardini, medievalista, de Valerio Manfred, arqueólogo e escritor, e da escritora Barbara Frale, descobridora do pergaminho e autora do livro "Os templários".

O Grão Priorado de Portugal esteve representado por Alberto da Silva Lopes, Preceptor das Comendadorias e Grão Cruz da Ordem Suprema e Militar dos Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão.

Os cavaleiros templários, enquanto ordem simultaneamente militar e monástica, ativa e contemplativa, tinham como missão original levar a Terra Santa ao controle cristão, mas, como aponta o historiador brasileiro das religiões Mateus Soares de Azevedo durante os séculos XII e XIII os templários tiveram um importante papel na criação de um clima de respeito pela erudição e espiritualidade da cultura islâmica, tanto na Europa como na Terra Santa. Eles perceberam o terreno comum que havia entre as camadas mais profundas das civilizações cristã e muçulmana.

Na mesma linha de raciocínio, o autor britânico Angus Macnab escreveu: "Não é de supor que a Ordem do Templo tenha surgido totalmente armada, como Palas-Atena, da cabeça de Hugo de Payens, ou tenha sido o fruto de qualquer inteligência humana individual. A

função oficial dos templários, por eles professada, tinha por certo surgido das Cruzadas; mas está claro que já existia uma série de funções especiais que só esta Ordem poderia realizar. A interação entre a mais elevada espiritualidade cristã e a mais elevada espiritualidade islâmica (sufismo) na Alta Idade Média exigia uma ordem soberana, acima de reis e bispos, não sujeita à legislação comum ou mesmo a interditos e excomunhões, e capaz, quando necessário, de se pôr de parte em relação a ambas as civilizações, para agir como mediadora ou árbitro entre elas. ”

A destruição da Ordem do Templo propiciou ao rei francês não apenas os tesouros imensos da ordem (que estabelecera o início do sistema bancário), mas também a eliminação do exército da Igreja, o que o tornava senhor rei absoluto, na França.

Nos demais países, a riqueza da ordem ficou com a Igreja Católica.

Na sua ira, De Molay teria chamado o rei e o papa a encontrá-lo novamente diante do julgamento de Deus antes que aquele ano terminasse - apesar de este desafio não constar em relatos modernos da sua execução. Filipe o Belo e Clemente V morreram ainda no ano de 1314. Esta série de eventos formam a base de "Les Rois Maudits" ("Os Reis Malditos"), uma série de livros históricos de Maurice Druon. Curiosamente, Luís XVI de França (executado em 1793) era um descendente de Felipe O Belo e de sua neta, Joana II de Navarra.

## A Ordem do Templo e a historiografia

O fato de nunca ter havido uma oportunidade de acesso aos documentos originais dos julgamentos contra os templários motivou o surgimento de muitos livros e filmes, com grande repercussão pública, porém, sem nenhum fundamento histórico. Por este mesmo motivo, muitas sociedades secretas, como a Maçonaria, se proclamam

"herdeiras" dos templários.

A obra "Processos contra templários", publicada pela Biblioteca Vaticana, restaura a verdade histórica sobre Os Cavaleiros da Ordem do Templo, conhecidos como templários, cuja existência e posterior desaparecimento foram motivo de numerosas especulações e lendas.

O Pergaminho de Chinon é relativo ao processo contra os templários, realizado sob o pontificado do Papa Clemente V, cujos originais são conservados no Arquivo Secreto do Vaticano. O principal valor da publicação reside na perfeita reprodução dos documentos originais do citado processo e nos textos críticos que acompanham o volume; explicam como e por que o pontífice Clemente V absolveu os Templários da acusação de heresia e suspendeu a Ordem sem dissolvê-la, reintegrando os altos dignitários Templários e a própria Ordem na comunhão da Igreja.

## Lendas e relíquias

A destruição do arquivo central dos Templários (que estava na Ilha de Chipre) em 1571 pelos otomanos, tornou-se o principal motivo da pequena quantidade de informações disponíveis e da quantidade enorme de lendas e versões sobre sua história.

Os Templários tornaram-se, assim, associados a lendas sobre segredos e mistérios, e mais rumores foram adicionados nos romances de ficção populares, como Ivanhoe, O Pêndulo de Foucault, e O Código Da Vinci, filmes modernos, tais como "A Lenda do Tesouro Perdido" e "Indiana Jones e a Última Cruzada", bem como jogos de vídeo, como Broken Sword e Assassin's Creed.

## O Domo da Rocha, uma das estruturas do Monte do Templo.

Uma das versões faz ligação entre os Templários e uma das mais influentes e famosas sociedades secretas, a Maçonaria.

Historiadores acreditam na separação dos templários quando a perseguição na França foi declarada. Um dos lugares prováveis para refúgio teria sido a Escócia, onde apenas dois Templários haviam sido presos e ambos eram ingleses. Embora os cavaleiros estivessem em território seguro, sempre havia o medo de serem descobertos e considerados novamente como traidores. Por isso teriam se valido de seus conhecimentos da arquitetura sagrada e assumiram um novo disfarce para fazerem parte da maçonaria (texto do livro *Sociedades Secretas - Templários*, editora Universo dos Livros).

Muitas das lendas dos templários estão relacionadas com a ocupação precoce pela ordem do monte do Templo em Jerusalém e da especulação sobre as relíquias que os templários podem ter encontrado lá, como o Santo Graal ou a Arca da Aliança. No entanto, nos extensos documentos da inquisição dos templários nunca houve uma única menção de qualquer coisa como uma relíquia do Graal, e muito menos a sua posse, por parte dos templários. Na realidade, a maioria dos estudiosos concorda que a história do Graal era apenas isso, uma ficção que começou a circular na época medieval.

O tema das relíquias também surgiu durante a Inquisição dos templários, pois documentos diversos do julgamento referem-se à adoração de um ídolo de algum tipo, referido em alguns casos, um gato, uma cabeça barbada, ou, em alguns casos, a Baphomet. Essa acusação de idolatria contra os templários também levou à crença

moderna por alguns de que os templários praticavam bruxaria.

Além de possuir riquezas (ainda hoje procuradas) e uma enorme quantidade de terras na Europa, a Ordem dos Templários possuía uma grande esquadra. Os cavaleiros, além de temidos guerreiros em terra, eram também exímios navegadores e utilizavam sua frota para deslocamentos e negócios com várias nações.

Devido ao grande número de membros da ordem, apenas uma parte dos cavaleiros foram aprisionados (a maioria franceses). Os cavaleiros de outras nacionalidades não foram aprisionados e isso possibilitou-lhes refugiarem-se em outros países. Segundo alguns historiadores, alguns cavaleiros foram para Escócia, Suíça, Portugal e até mais distante, usando seus navios. Muitos deles mudaram seus nomes e se instalaram em países diferentes, para evitar uma perseguição do rei e da Igreja. O desaparecimento da esquadra é outro grande mistério. No dia seguinte ao aprisionamento dos cavaleiros franceses, toda a esquadra zarpuu durante a noite, desaparecendo sem deixar registros. Por essa mesma data, o rei português D. Dinis nomeava o primeiro almirante português de que há memória, apesar de Portugal não ter armada; por outro lado, D. Dinis evitava entregar os bens dos templários à Igreja e consegue criar uma nova Ordem de Cristo com base na Ordem Templária, adotando por símbolo uma adaptação da cruz orbicular templária, levantando a dúvida de que planeava apoderar-se da armada templária para si.

Um dado interessante relativo aos cavaleiros que teriam se dirigido para a Suíça, é que antes desta época não há registros de existência do famoso sistema bancário daquele país, até hoje utilizado e também discutido. Como é sabido, no auge de sua formação, os cavaleiros da Ordem desenvolveram um sistema de empréstimos, linhas de crédito,



depósitos de riquezas que na sua época já se assemelhava bastante aos bancos de hoje. É possível que tenham sido os cavaleiros que se refugiaram na Suíça que implantaram o sistema bancário no lugar e que até hoje é a principal atividade do país.

## A história de Jacques DeMolay

Jacques DeMolay, cujo exemplo de vida não conseguiu sepultar na pequena ilha do Rio Sena, onde seu corpo foi queimado.

Nascido no ano de 1244 em Vitrey, na França pautou a sua existência em princípios éticos que distinguiam dos demais e que realçavam a sua inteligência, educação e as habilidades inerentes para a prática do bem.

Já aos 21 anos, ingressa na Ordem dos Cavaleiros Templários, entidade sancionada e reconhecida pelo Papa e pelo seu Conselho da Igreja, e cuja finalidade era vigiar a estrada entre Jerusalém e Acro, o porto de Jerusalém no Mediterrâneo.

Imensamente popular, já que apoiada pela Igreja, a Ordem dos Cavaleiros Templários, cuja denominação original era "Pobres Soldados de Cristo", destacava-se pela abundância de recursos, ricas propriedades e, em consequência, atraía filhos de nobres e príncipes, notadamente da Inglaterra, França, Espanha e Alemanha.

A valentia dos seus integrantes angariava a simpatia de todos que acompanhavam as numerosas cruzadas, através das quais consolidavam o nome da Ordem, reconhecida sempre pelo heroísmo.

Jacques DeMolay estava presente nessas ações, destacando-se pelos princípios abraçados.

## Julgamento do Templários

Em 1298 Jaques De Molay era eleito Grão-Mestre, assumindo o cargo que o colocava, em muitas das vezes, acima dos grandes lordes e príncipes. Todavia, a situação para cristandade no Oriente não era boa. Os infiéis sarracenos haviam conquistado os Cavaleiros da Cruzada e capturados a Antioquia, Tripoli, Jerusalém e Acro. Para enfrentá-los, restavam apenas os Cavaleiros Templários e os Hospitaleiros. Debilitados pelos problemas que afetavam a cristandade, os Templários não demonstravam mais o vigor de outrora e se estabeleceram em Chipre na esperança de uma nova Cruzada. As esperanças de auxílio europeu foram frustradas, a dura realidade mostrou a sua face: o espírito das Cruzadas havia se extinguido.

Recolhidos em suas grandes casas, suas ricas propriedades e guardando seus tesouros de ouro. Os Templários despertavam o desejo de guerra com os inimigos poderosos e, já sem ajuda popular, despertaram a cobiça de Felipe, o Belo, Rei da França, que almejava uma união para assumir o controle total do poder. Sem sucesso, Felipe reconheceu que deveria destruir as Ordens e consequentemente evitar o aumento do poder do Sumo Pontificado. Investiu com regulamentos secretos para aprisionar todos os Templários.

DeMolay e centenas de outros Templários foram presos e atirados em calabouços. Começando um período que prolongaria por sete longos anos de celas úmidas, frias e torturas desumanas. Não bastassem os cruéis castigos, o Rei Felipe consegue ainda que o Papa Clemente apoiasse a condenação da Ordem e promoveu a transferência das suas propriedades e riquezas para outros donos. Na pior das suas investidas, Felipe insistia na traição de Jacques DeMolay aos seus companheiros. Este, apesar do cavalete e de suas

outras torturas, não cedeu.

Em vão resistiu Jacques DeMolay, fiel aos seus princípios que o haviam levado ao comando da Ordem. Uma confissão forjada o levou a condenação. Sua negativa ante a sentença proferida. Segundo os costumes da época, deveria ser punido a morte. Era o que desejava o rei Felipe, que não obstante a disposição da comissão julgadora pelo adiamento de decisão, ordenou que os prisioneiros fossem queimados naquela tarde. Assim quando os sinos da catedral de Notre Dame de Paris tocavam ao anoitecer do dia 18 de março de 1314, Jacques DeMolay era queimado vivo no pelourinho, numa pequena ilha do Rio Sena. Ao lembrar-nos este episódio o faremos na certeza de que apesar do corpo de Jacques DeMolay ter tombado naquele dia, o espírito e as virtudes desse homem, para que a Ordem De Molay foi denominada, viverão para sempre. Motivos

personais

A ambição do rei foi o principal motivo da prisão dos Templários. Felipe, o Belo foi o primeiro rei capetiano a utilizar exércitos mercenários. Precisava de dinheiro para pagá-los. Antes, os senhores armavam seus próprios cavaleiros e o rei não intervinha, financeiramente falando. Agora, o Grão-Mestre do Templo, Jacques DeMolay, refugiado em Chipre, última terra cristã no Oriente, colocava à disposição um verdadeiro tesouro para financiar uma nova cruzada para reconquistar a Palestina. Quando voltou para a França, trouxe o tesouro e depositou-o na casa-mãe em Paris. Felipe, o Belo esperava colocar as mãos nessa excepcional fortuna e sobre os bens imobiliários da Ordem. Entretanto, estes últimos foram distribuídos pelo papa para a Ordem dos Hospitalários. Enquanto estavam na Palestina, os Templários não representavam nenhum perigo para a Coroa. Mas quando, terminadas as cruzadas, voltaram para a Europa Ocidental, e

particularmente para a França – quatro quintos da Ordem eram franceses - o rei se viu diante de uma tropa de 30 mil homens armados que conheciam perfeitamente as artes da guerra.

Os Templários poderiam facilmente ter derrubado o poder. Certamente eles não o fariam jamais, pois eram dedicados à Santa Sé, à Terra Santa e às virtudes religiosas. Motivos políticos

Em 1291, a queda de São João de Acre marcou o fim do reino de Jerusalém. Os Templários, mergulhados em seu quixotismo religioso, não pensaram de modo algum em procurar um local para se fixarem, como fizeram os cavaleiros Teutônicos na Prússia, ou os Hospitalários em Malta.

A França transformou-se de Estado feudal em um Estado moderno fortemente centralizado. Felipe, desejando controlá-lo, retirou, pouco a pouco, as atribuições dos grandes senhores feudais. Com os Templários, ele descobriu um verdadeiro Estado dentro do Estado, ainda mais temível do que qualquer principado feudal subsistente. O rei, não podendo aceitá-lo, tentou obter a fusão das duas ordens religiosas-militares, Templários e Hospitalários, com o objetivo de impor um de seus filhos como Grão-Mestre à frente dessa nova Ordem. Desse modo, esperava poder controlar essas forças militares que ele temia e dispor facilmente de suas riquezas. O projeto fracassou, em grande parte devido à falta de visão de Jacques DeMolay, o Grão-Mestre então em função, que não compreendeu a que perigo, ele expôs a ordem da qual era responsável. Se ele tivesse aceitado a fusão, jamais teriam ocorrido os processos contra o Templo. Durante o julgamento dos templários em França, nos finais do primeiro decênio e inícios do segundo do século XIV, as acusações contra eles foram lidas em pormenor. As

acusações primitivas do mandato de Maubuisson perpetrado por Guillaume Nogaret a mando de Filipe IV, tinham sido que os templários negavam Cristo e cuspiam na Sua imagem; trocavam beijos obscenos e entregavam-se a práticas homossexuais; adoravam um ídolo estranho identificado ao Príncipe das Trevas: seria uma caveira, ou um bode ou um busto chifrudo, ou talvez uma mistura inextrincável de tudo isso, pois não se sabia o que era... porque nunca alguém o vira, mas tal seria justificado por os templários o esconderem das vistas estranhas à Ordem. Agora, no Processo de Paris, os templários já não enfrentavam três, mas sim sete grupos de acusações, especificadas em cento e vinte e sete artigos. Os grupos eram os seguintes:

Primeiro, e mais importante, a negação de Cristo. Ao ser recebido um novo templário, era obrigado a renunciar à sua crença na divindade de Cristo e a aceitar que Cristo não era o Salvador, mas sim um falso profeta crucificado pelos seus próprios pecados. O novo irmão tinha depois que aviltar o crucifixo, cuspido-lhe, urinando-lhe em cima e pisando-o aos seus pés. Todas as outras acusações tinham nessa o seu fundamento.

Segundo, os templários eram idólatras. O seu ídolo era um gato preto, ou um bode negro ou um crânio com poderes mágicos. O crânio podia responder a perguntas;

proporcionava a riqueza dos templários e destruía os seus inimigos, e cada irmão tinha de usar à volta da cintura uma corda que havia sido amarrada ou enrolada ao tal ídolo.

Cada irmão ficava assim magicamente ligado ao ídolo, compartilhando o seu poder e subserviente a ele. O terceiro grupo de acusações abrangia diferentes aspectos da descrença dos templários. Em virtude de Cristo não ser o Messias, os sacramentos da Igreja nada significavam para eles e os seus padres não consagravam a hóstia quando celebravam a missa; a missa dos templários não passava de uma mascarada. O quarto

grupo relacionava-se com a absolvição dos pecados; o Mestre do Templo e outros dirigentes ouviam confissões dos irmãos e absolviam-nos, mesmo sem terem qualificações sacerdotais para isso. Seguiam-se as obscenidades dentro da Ordem, os beijos na boca, no umbigo, no ventre, no ânus, nas nádegas e na espinha, e a homossexualidade que os irmãos recebiam ordens para aceitar. O sexto grupo era o das acusações de cupidez. A principal preocupação dos irmãos em todas as ocasiões seria o enriquecimento material da Ordem, indistintamente por meios legais ou ilegais. Sétimo e último, o secretismo da Ordem era considerado criminoso, pois não só as recepções e reuniões do Capítulo efetuavam-se em salas guardadas e com as portas e janelas fechadas à chave e tapadas, como também qualquer irmão que revelasse os segredos do Templo era encarcerado ou assassinado.

Foi assim, na terça-feira de 7 de abril de 1310 na cidade francesa de Chinon, com essas acusações que se abriu o processo contra o Templo, dirigido pelo conselheiro do rei de França, Guillaume Nogaret, auxiliado pelo advogado Plaisians, ambos manipulando os três cardeais enviados aí pelo mesmo Filipe IV que os escolhera "a dedo". Um dos delegados pontifícios era o arcebispo de Sens, Filipe de Marigny, cujo irmão era o intendente-mor das finanças do rei. O arcebispado de Sens tinha autoridade sobre o bispado de Paris, onde os templários acusados estavam presos, sendo esse arcebispo um homem de Filipe IV que conseguira arrancar ao papa Clemente V a nomeação do religioso, vital ao êxito do seu plano maquiavélico previamente concebido. Presente ainda no julgamento, como testemunhas de acusação, de entre outros o carcereiro brutal dos templários, e destes prisioneiros haviam muitos que tinham confessado todas as heresias apontadas, mas sob a coação da tortura imposta, sem contar com um rol numeroso de testemunhas

completamente alheias à Ordem as quais Nogaret comprara, que vomitaram tudo quanto os delegados do rei e do papa queriam ouvir. Em suma, o julgamento foi forjado, assim também as provas e a sentença viciada desde muito antes de começar o processo, portanto, não passou de uma farsa ignóbil e cruel onde os acusados já estavam de antemão condenados.

“– Sofri tanta tortura – confessa aos juízes, por exemplo, o templário albigense Bernard du Gué –, tanto interrogatório, resisti tanto ao fogo que a carne dos meus calcanhares ficou toda queimada e os ossos caíram aos bocados”. Por sua vez, dentre centenas de testemunhos idênticos de templários aprisionados e presentes ao julgamento, afirma o templário borgonhês Aimery de Villiers-le-Duc: “– Sim, eu tomei conhecimento de alguns destes erros e confessei-os, mas foi sob o efeito das torturas”.

#### Templário interrogado sob tortura

O próprio Mestre Jacques DeMolay, homem idoso que passara toda a vida no serviço militar, sendo vassalo exclusivo do papa e não de qualquer rei, a começar pelo de França que assim não tinha legitimidade para o deter, diz ter vacilado ante a visão exposta da câmara das torturas no castelo de Chinon onde estava detido com outros dignitários da Ordem, e assim confessado tudo quanto os inquisidores queriam ouvir, como consta do *documento de Chinon*, redação final da controversa inquirição aos prisioneiros, onde as confissões lhes foram extirpadas pela coação das torturas, a ponto da maioria dos delegados papais, excetuando os leais a Filipe IV, assinarem o documento inocentando os templários.

É assim, nesse mais que questionável documento, que aparece a confissão de Jacques Burgomundus Demolay, que face às circunstâncias duvido tenha sido textualmente assim

e mesmo alguma vez tenha lido a redação final da que lhe foi imputada como “confissão voluntária”, pois há contradições palmares no texto, uma delas a da deposição do manto da Ordem no novo irmão antes do seu juramento, quando é precisamente o contrário (nessa e em toda a Ordem de Cavalaria e Religião), erro elementar que certamente não seria o Mestre do Templo a o cometer, antes um perjuro pondo na boca dele palavras que nunca proferiu:

“Item. Ao vigésimo dia do dito mês de Agosto de 1308, na nossa presença, na dos notários e testemunhas, constituído em pessoa freire Jacques DeMolay, cavaleiro grão-mestre da Ordem da Milícia do Templo, tendo jurado e sido diligentemente interrogado, segundo a forma e o modo acima referidos, disse que passaram cerca de quarenta e dois anos desde que ele foi admitido, junto de Beltiam da diocese de Autun, como freire da dita Ordem pelo freire Umberto de Pairaud, então visitador de França e de Poitiers, cavaleiro na capela da casa do Templo do dito lugar de Béaune; e disse, a propósito do modo da sua admissão, que o dito freire que o admitiu lhe mostrou uma cruz, depois de lhe transmitir o manto, e ordenou-lhe, a ele que estava sendo admitido, que renegasse a Deus cuja imagem estava pintada nessa cruz e que cuspiisse nela, o que ele fez; todavia não cuspiu para cima da cruz mas ao lado dela, segundo disse.

“Item. Disse que fez a referida abnegação apenas com a boca e não com o coração. Diligentemente inquirido sobre o pecado da sodomia, a cabeça idolatrada e os beijos proibidos, disse nada saber. Inquirido se se confessou coagido por súplica, recompensa, agradecimento, favor, por medo ou por ódio ou por instigação de alguém, por força ou ainda por receio de torturas, disse que não. Inquirido se, depois de ter sido acolhido, foi submetido a interrogatórios ou a torturas, disse que não. Depois disto, nós que o



reincorporamos na unidade da Igreja e que o restituímos à comunhão dos fiéis e aos sacramentos eclesiásticos, concluímos que deve ser consagrado, segundo o uso da Igreja, o benefício da absolvição àquele mesmo freire Jacques, grão-mestre da dita Ordem, de acordo com o modo e a forma sobrescritos, ele que abjurou nas nossas mãos tanto a referida heresia como qualquer outra, que prestou juramento corporal perante os Santos Evangelhos de Deus e que pediu humildemente o benefício da sua absolvição."

#### Pergaminho do Interrogatório de Chinon

Stephen Howarth (*ob. cit.*) informa que um templário de Maiorca, ao ser-lhe dito que Jacques DeMolay fizera uma confissão completa, comentou que "o Mestre mentiu com quantos dentes tem na boca". Já na Irlanda, na Escócia e nas Ilhas Britânicas era opinião geral que os irmãos da Milícia estavam inocentes. Mas para satisfazer o papa elaborou-se uma solução de compromisso. Os templários declararam-se "tão difamados que os artigos da bula papal não podiam justificar-se"; por isso, foram absolvidos pelos prelados de Inglaterra e reconciliados com a Igreja.

Na Alemanha e em Chipre, onde a principal Casa da Ordem estava localizada, as autoridades foram menos diplomáticas e pura e simplesmente absolveram os irmãos do Templo. A absolvição alemã verificou-se após dois incidentes dramáticos: em maio de 1310, um grupo de vinte e dois templários, armado e com armadura completa, entrou à força das câmaras conciliares do arcebispo de Mogúncia e informou que a inocência da Ordem tinha sido demonstrada miraculosamente em Paris: disse que as túnicas brancas e as cruzes vermelhas dos irmãos lá queimados não tinham sido danificadas pelas chamas, no meio das quais tinham sido vistas brilhar com uma luz sobrenatural. O arcebispo ficou suficientemente impressionado para adiar o seu concílio, e quando ele foi reatado dois meses depois quarenta e nove testemunhas (incluindo doze que não eram templários) defenderam a Ordem em geral e de Molay em particular, dizendo que ele era “tão bom quanto qualquer cristão podia ser”. Mas a absolvição subsequente desagradou ao papa Clemente. Toda a história dos julgamentos começava a pesar até mesmo na sua alma prevaricadora. Começava a desejar um fim para tudo, e queria que esse fim fosse o mais possível uniformemente respeitador da sua autoridade o mais possível questionada em todas as partes, particularmente em Portugal e Aragão, devido à sua subida ao sólio pontifício exclusivamente graças ao rei de França. Consequentemente, anulou o veredicto alemão e alegou que a decisão era seu direito exclusivo; e em Chipre o governador da ilha, que era amigo da Ordem e a declarara inocente, uma manhã foi descoberto apunhalado – um assassinio conveniente, pois o papa pôde assim efetuar um novo julgamento em que o veredicto inicial foi invertido.

É nestas condições que Jacques DeMolay se apresenta ante os seus juízes-carrascos em Paris e nega, frontal e veementemente, todas as acusações de heresia tanto da sua

pessoa como da Ordem inteira, valendo isto por renegar à sua pressuposta confissão anterior em Chinon. Enfrentou os algozes com um visível desdém feroz e com um mudo desprezo por eles ouviu a sua condenação a ser queimado vivo na fogueira, o que não confere com o seu pressuposto acobardamento anterior perante a visão da tortura. De maneira que, apesar de não ter provas concretas, suspeito que o *documento de Chinon* possa não ser mais que uma confissão ímpia redigida pelo próprio clero favorável aos soberanos de Roma e da França, inteiramente à margem do que possa ter ocorrido e do que os acusados realmente tenham proferido. Ademais, é sumamente estranho que só haja um exemplar desse documento importante assinado pelos delegados de várias dioceses francesas, e que estranhamente não ficassem com cópias do mesmo ao contrário do que era costume em quaisquer processos de intervenção jurídica e religiosa, e só a Biblioteca Secreta do Vaticano o possuía... No mesmo sentido vai a carta aberta que se diz escrita por Jacques DeMolay aos seus irmãos, ordenando-lhes que confessassem, como ele confessara, todas as suas práticas pecadoras, no que foi atendido dando-se as confissões em catadupa da maioria dos templários aprisionados.

Por que?

Porque outras invenções conseguiram emular a subtileza e o engenho do duplo intuito fulcral da Inquisição. Segundo a sua premissa fundamental, ninguém era acusado de heresia sem boa razão, e qualquer pessoa podia acusar outra de heresia – exceto um herético acusado que, quer a sua heresia tivesse sido provada, quer não, não merecia confiança. Em vez de se presumir que estava inocente até se provar que era culpado, presumia-se que o acusado era culpado até se provar que estava inocente; e era raríssimo alguém acusado de heresia poder provar que estava inocente. O melhor que

podia acontecer ao acusado era passar pelo processo de confissão e arrependimento – mesmo que não tivesse nada a confessar – e ter esperança de reconciliação mediante penitência. A penitência podia ser uma simples multa, o açoite público ou ir para a prisão a pão e água. Mas os acusados que se recusavam confessar, ou que confessavam e posteriormente renegavam as suas confissões, era excomungado pela Igreja e entregues às autoridades seculares para castigo temporal. Isso significava que os seus bens seriam confiscados pelo Estado, que durante duas gerações os seus herdeiros estavam banidos do serviço público e que eles próprios morreriam na fogueira. Se tivessem sorte, seriam estrangulados no poste antes de arderem; caso contrário, eram queimados vivos. Em virtude da presunção de culpa, era virtualmente impossível a uma pessoa acusada de heresia defender-se judicialmente; quem quer que com essa pessoa se associasse ficava automática e igualmente sob suspeita. Praticamente, a única defesa que restava ao acusado era entregar uma lista dos seus inimigos conhecidos, na esperança de que um nome da lista coincidissem com o nome pretendido pelo seu acusador. No entanto, mesmo que isso acontecesse, teria ainda que provar a sua inocência, isto é, o confessar e ser reconciliado. E se por qualquer razão não confessasse, o Santo Ofício tinha poderes para utilizar diversos métodos que o persuadissem do seu (talvez inexistente) erro. Os métodos mais grosseiros eram vários: o acusado podia ser simplesmente amarrado e ser-lhe metido um trapo na boca; em seguida deitava-se água quer no trapo, fazendo-o inchar, quer através das narinas. Um bocadinho mais do que a conta e ele afogava-se em terra seca. Também podia ser metido numa cova não maior do que ele próprio e ser abandonado à fome até compreender e admitir a sua heresia. Ou, mais dispendiosamente, podia ser colocado na infame roda e esticado até os seus quadris e os

seus ombros saírem das articulações. Podia simplesmente ser acorrentado, com cadeias à volta dos pulsos, dos tornozelos e do pescoço; podiam untar-lhe os pés de gordura e chegá-los a um lume vivo; ou, se fosse particularmente obstinado, podia ser colocado na estrapada. Esta invenção particularmente cruel constava apenas de uma corda e uma roldana. Os braços da vítima eram colocados atrás das suas costas, com os pulsos atados um ao outro, e por aí era erguida o mais possível no ar, depois largando-se a corda para que o supliciado caísse no chão; mas a queda era sustida um pouco antes dele tocar o solo, de maneira que se exercia o máximo de pressão nos seus ombros e braços. Um requinte opcional era suspender pesos dos tornozelos ou do umbigo do suposto herético ou, tratando-se de um homem, dos seus órgãos genitais.

“Rack”, o instrumento de tortura mais utilizado no interrogatório aos templários Todos esses métodos e outros, foram utilizados para arrancar confissões aos templários presos em França. Mas nem todas as torturas eram tão grosseiras. De Nogaret e os seus homens de mão tinham aperfeiçoado algumas abordagens muito mais sofisticadas, muitas vezes singularmente próximas dos modernos sistemas de interrogatório. A vítima era sujeita a interrogatório incessante por turnos de homens treinados na arte; as respostas eram deturpadas e a vítima impedida de dormir, urinar ou despejar os intestinos; ficava incomunicável e dizia-se-lhe que quaisquer amigos seus, presos sob as mesmas acusações, já tinham confessado. E quando o indivíduo dava indícios de estar a ir-se abaixo, entrava um novo interrogador, com modos compreensivos e amigáveis, que aconselhava brandamente o preso a confessar para seu próprio bem. Graças à judiciosa aplicação de tais técnicas, podia-se obrigar quase toda a gente a confessar quase tudo; era muito rara a pessoa capaz de

suportar todas estas torturas até à morte, que seria a sua única libertação. As confissões obtinham-se por meio de terror puro, bastando algumas vezes mostrar ao acusado os instrumentos da tortura. Podia ser obrigado a assistir à tortura de outra vítima e, se isso fosse insuficiente, a dor atroz da sua própria tortura proporcionava geralmente o resultado pretendido. Nalguns casos, considerava-se politicamente indesejável que o preso apresentasse ferimentos visíveis. Recorria-se então aos métodos mais subtis e, no seu sofrimento e confusão, vendo-lhe negada a satisfação das suas necessidades físicas e deturpadas, ao ponto de se tornarem irreconhecíveis, as suas respostas, a vítima admitia a culpa que lhe era imputada, fosse ela qual fosse, e acreditava-se realmente culpada.

A lavagem ao cérebro é uma expressão do nosso tempo, mas as suas técnicas, e o próprio fenómeno, são antigas, criações criminosas do Santo Ofício. Aí reside o mais profundo horror da Inquisição, pois os homens que mandavam fazer essas coisas, se não os homens que realmente as executavam, ordenavam-nas em nome de Cristo, pelo amor de Deus e na convicção sincera de que eles, e só eles, estavam certos, de que os seus atos eram cristãos e feitos para o bem da alma da sua vítima. Um templário declarou, depois de ter confessado, que os homens que o tinham torturado estavam completamente bêbados. É muito natural que estivessem, se além da crença religiosa possuíssem algum sentimento humano em choque com a bestialidade fria dos seus atos desumanos. As palavras de outro irmão, um homem de cerca de 50 anos, exemplificam a absoluta derrota e humilhação humana e espiritual que tais experiências podiam provocar a qualquer pessoa normal: disse que “todos os delitos imputados à Ordem eram verdadeiros e que confessaria até que tinha matado o Senhor se lhe pedissem. Tudo, mas

parem com isso e deixem-me em paz". Os métodos de persuasão utilizados em de Molay para obter a sua confissão inicial foram provavelmente do tipo mais sutil, mas nem por isso a sua pressuposta admissão de culpa foi menos completa ou, aparentemente, menos sincera.

Tendo Jacques DeMolay, o velho militar e amigo do rei de França sobre quem acreditava que nutria o mesmo sentimento por si, sido apanhado de surpresa perante a gravidade das acusações vindas dos cães de fila do próprio Filipe IV, preferiu inicialmente recusar dizer fosse o que fosse exceto na presença do papa, o único a quem legalmente devia vassalagem. Mas ninguém lhe acudiu nem a seus irmãos, mesmo protestando a sua "crença num Deus, numa fé, num baptismo e numa Igreja Católica". Para que não houvessem só acusadores e nenhuns defensores e para dar um ar legal à coisa viciada desde que era só projeto, foram escolhidos quatro irmãos para representarem a Ordem.

Dois, Pedro de Bologna e Reinaldo de Provins, eram padres; os outros, Guilherme de Chambonnet e Beltrão de Sartiges, eram cavaleiros. Eram todos inteligentes e letrados; de Bologna talvez tivesse até feito alguns estudos de Direito na Universidade de Bolonha, pois os seus discursos à comissão revestiam-se do mesmo estilo de furiosa retórica que o próprio Nogaret usava, e tanto ele como de Provins demonstraram considerável familiaridade com os modos corretos do procedimento judicial. Eloquência e educação: eis as duas únicas coisas que Filipe e de Nogaret receavam. A sua cortina de fumo de linguagem bombástica, a sua desonestidade, astúcia e ilegalidade não poderiam resistir a um exame atento e ficariam expostas a ser atacadas aberta, legal e corretamente. Era precisamente isso que os quatro representantes da Ordem tencionavam fazer. E começaram a fazê-lo em 7 de abril de 1310, numa terça-feira.

### Interrogatório de Jacques DeMolay

Quando as denúncias aos Templários foram lidas em voz alta, Pedro de Bologna já se encontrava preso havia dois anos e meio, tendo sido torturado, interrogado e obrigado a confessar tudo. Mas perante os comissários papais, falou em tom de desafio e violentamente em seu nome e no de todos os seus milhares de irmãos:

“– Cada um e todos nós declaramos as acusações totalmente infundadas. Parece incrível que acusações tão escandalosas tenham podido ser tomadas a sério por alguém. É verdade que alguns templários as admitiram, mas apenas por causa da tortura e do sofrimento. Não é de modo nenhum motivo para nos surpreendermos com o facto de alguns terem mentido; o que é mais espantoso é que alguns tenham respeitado a verdade, sabendo as atribulações e os perigos, as ameaças e os ultrajes que sofrem diária e continuamente aqueles que dizem a verdade. Fora do reino de França não se encontrará nenhum irmão do Templo, em todas as terras do Mundo, que diga ou fale tais mentiras, sendo suficientemente claros os motivos pelos quais elas foram ditas em França: os que falaram testemunharam quando corrompidos pelo medo, por rogos ou por dinheiro.”

As confissões, portanto, deviam ser inadmissíveis como prova; e “sempre que alguns irmãos sejam interrogados, não deve estar presente nenhum leigo que possa ouvi-los, ou qualquer pessoa cuja probidade mereça dúvidas” – o que queria significar que o carcereiro dos templários, que os torturava diariamente e obrigava a passar fome e sede, como igualmente os advogados do rei, nenhum deles devia ser aceite na comissão, visto a sua simples presença intimidar os irmãos, traumatizados pelos interrogatórios e torturas infligidos por esses mesmos carrascos cruéis impenitentes.



Depois, combatendo o fogo com o fogo, Pedro de Bologna atacou os acusadores do Templo, dizendo que eles eram “falsos cristãos e completamente heréticos, detratores e sedutores da Santa Igreja e de toda a fé cristã”. Motivados pela ganância, esses “muito ímpios propagadores do escândalo” tinham encontrado templários renegados e apóstatas e com eles haviam engendrado um conjunto de mentiras que enganaram até o cristianíssimo rei Filipe. Um novo irmão fazia apenas quatro votos, continuou Bologna, os votos de obediência, castidade, pobreza e apoio contínuo à Terra Santa; e o único beijo trocado era o “honesto beijo da paz”, não mais que o beijo habitualmente trocado entre qualquer senhor e qualquer vassalo. Os que acusavam a Ordem de perversões morais e espirituais deviam ser igualmente interrogados pela comissão e obrigados a apresentar os fundamentos das suas acusações; e, entretanto, todos os Irmãos que desejassem defender a Ordem deveriam receber uma garantia de segurança, pois naquele próprio momento os homens do rei continuavam a ameaçá-los de tortura e morte se ousassem negar a sua culpa.

Apesar do vigor e da clareza do depoimento de Bologna ter impressionado os membros da comissão e causado a dúvida entre eles quanto à seriedade do processo, ainda assim os partidários de Filipe IV conseguiram manietar as vozes dos mandatários de Clemente V, já de si um mandado do poder temporal, a favorecer a extinção da Ordem e entregar os seus afiliados à autoridade secular do rei de França, que logo os sentenciou com severidade tamanha que chocou toda a Europa civilizada, e até mesmo os países árabes. Foi assim que os templários que não confessaram as suas heresias e as da Ordem foram condenados ao lume mortal da extirpação dos pecados, enquanto os outros que confessaram o que os juízes queriam ouvir, receberam a condenação à prisão perpétua,

morrendo quase todos, se não todos, esquecidos, famintos e doentes em celas imundas, ou então em trabalhos forçados nas galés. Só se salvaram os que escaparam a tempo para países amigos, muito especialmente para Portugal onde o rei de França era malquisto, e a autoridade do papa fortemente contestada.

Tamanho era o ódio aos templários pelo rei de França que até o local da execução do Mestre da Ordem não foi escolhido ao acaso: a Ilha dos Judeus, em Paris, lugar dos renegados e hereges, dos que padeciam a lepra ou mal da alma impenitente, que só o fogo mortal podia purgar. A comitiva de acusadores ficou à entrada da ilha vendo os seus corpos arder... Esses acontecimentos levaram Dante Alighiere, pressuposto cronista do Templo e autor da *Divina Comédia*, escrita entre 1300 e 1318 e impressa pela primeira vez em 1472, a dispor o rei Filipe IV no Inferno e o papa Clemente V no Purgatório, e os templários como inocentes entregues à justiça secular: os *beati misericordes*, "bem-aventurados os misericordiosos", e os *beati mundo corde*, "felizes os com o coração puro". Fá-los "Eleitos" do Céu cujo guia para o lugar mais alto do Paraíso é o próprio São Bernardo de Claraval.

Das inúmeras acusações feitas aos templários, dispondo-os na heresia secular e religiosa, abordarei somente duas que considero as principais suscitadoras do controverso processo:

1.<sup>a</sup> – Homossexualidade (sodomia, beijos lascivos, etc.).

2.<sup>a</sup> – Heresia (secretismo, idolatria, omissão, etc.).

A Regra do Templo é clara, severa e intransigente quanto à questão da união entre sexos iguais, considerada aberração e perversão do estado natural das coisas em si mesmas cujo castigo da infracção era a pena capital aos prevaricadores, ou seja, a morte.

“Este nome, sodomia, de Sodoma cidade que foi destruída por causa da prática de relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo, com *intra vas indebitum*, quer dizer, com penetração, deveio um nome tão diabólico, que até os canonistas antigos, judeus ou cristãos, evitavam tratar da sua natureza e pecadosidade nos tratados de Canónico e de Teologia Moral em vernáculo. Era algo de inconcebível, fora do episódio bíblico. Hoje em dia, embora o termo apareça nos tratados de *iuris* eruditos, no vulgar do canónico aparece o termo *homossexualidade* e outro, *homossexualismo*, abrangendo, tanto as relações homens/homens, como as relações mulher/mulher, sob a sutil designação de lesbianismo, vocábulo apropriado, de resto, dos resíduos culturais helénicos. Sodomia ou homossexualidade eram, desde os mais antigos tempos, comparáveis, se não ainda mais graves, à *poluição* e ao *estupro*. Um homem é um homem! Uma planta pode dispor de bissexualidade, mas um homem é um homem. Por isso, o diabolismo da sodomia ou homossexualidade, vício condenado, desde a mais antiga medievalidade (herdeira da antiguidade) com a pena de morte na fogueira para que nada restasse do sémen diabólico. A pena consta dos Códigos mais antigos da sociedade civil (ou secular) desde o de Teodoro. Infracção tão grave à natureza e à pessoa que, no Direito Canónico, incluindo a compilação de 1917 (cânones 893 e 897) que manteve antiquíssimas disciplinas, a sodomia era pecado reservado à absolvição episcopal: só um bispo poderia absolver de tamanho pecado, anomalia ou aberração. Não o pároco da freguesia, nem o confessor conventual, mas apenas o bispo. Trata-se de um pecado reservado, obsceno, escandaloso, atenta contra a dignidade da natureza humana. “[...] Na época em que o processo dos Templários decorreu, insinuou-se que os cavaleiros praticariam a homossexualidade a conselho dos Superiores, que ensinariam a ser melhor a fornicação

entre eles que a procura de mulheres. Quanto às mulheres já vimos como tinham de ser evitadas, mas daí não se segue que fossem autorizados à satisfação de concupiscências com a prata da casa! A homossexualidade era castigada com a pena de morte na fogueira – lei extensiva a todo o mundo civilizado, incluindo o Reino de Portugal, cujas *Ordenações* fixam a pena. De que modo poderia uma Ordem Militar e Religiosa, integrada por milhares de homens, aprovar uma prática que ia contra o sentir, não só da Igreja e do Estado, mas de toda a sociedade em geral? Houve heteroplasias, alguns cavaleiros as confessaram, mas daí até elas serem prática regular da Ordem vai a distância que separa a face da terra das altíssimas celestes. ”

De facto, os inquisidores puseram na boca dos templários aprisionados e torturados o que quiseram ouvir, e sob a coação das dores atrozes infligidas eles confessaram isso e muito mais, dispostos até a jurar solenemente sobre a Cruz que “eram filhos de Belzebu paridos por Lilith em pessoa”! É assim que, segundo as confissões de numerosos templários, todo o postulante era avisado, desde a admissão, de que podia ter relações sexuais com os seus irmãos, a fim de “apaciar as necessidades carnaís”, que isso era lícito e não constituía um pecado. Para mais, os irmãos tinham sido encorajados a fazê-lo “um ao outro, fazendo prova de submissão”. Apesar dessas confissões flagrantes, mas arrancadas à força, a grande maioria dos templários afirmou nunca ter feito uso dessa permissão e inclusive negou a acusação de sodomia, cuja prova, afinal de contas, nunca foi estabelecida pela justiça papal ou real. Se o Procurador do Templo em Paris, Hugues de Pairaud, sob a aflição da tortura confessou ter aconselhado a vários irmãos a sodomia, apenas dois templários, certamente para que os flagelos impostos cessassem, admitiram essa prática: Raoul de Tavernay, que afirmou ser necessário “tolerar isso em

razão do calor do clima ultramarino”, e Guillaume de Varnage, que esclareceu ser a sodomia tolerada somente em relação aos mais jovens, para que não fossem tentados a frequentar mulheres. Quanto ao Mestre Jacques DeMolay, acusado de ter tido relações com irmãos e com o seu criado, Guillaume de Giaco, negou sempre tais atos, afirmando mesmo que a Regra reprimia severamente a sodomia, como o prova, aliás, o caso de dois irmãos de Château Pèlerin suspeitos dessa prática, um condenado à morte e o outro a prisão perpétua.

Esse último episódio é contado nos *Estatutos do Templo*, nos termos seguintes: “573. No Château Pèlerin houve irmãos que praticavam pecados de perversão e que se acariciavam uns aos outros nos seus quartos à noite; de tal modo que aqueles que souberam disso e outros que por causa disso muitos sofreram, contaram essas coisas ao Mestre e a um grupo de homens prudentes da Casa. E o Mestre seguiu o conselho de que esta coisa não deve ser levada a Capítulo, pois tal ato era muito ofensivo, mas que os irmãos deveriam ir a Acre; e quando ali chegaram, o Mestre colocou um irmão prudente no quarto, e outros na sua companhia no quarto onde eles estavam, e mandaram que despissem os seus hábitos e colocou-os a ferros. E um dos irmãos, que se chamava irmão Lucas, fugiu de noite e foi para os sarracenos. E os outros dois foram enviados para o Château Pèlerin; e um que tentou fugir morreu, e o outro permaneceu na prisão por muito tempo.”

Não me custa admitir que ocasionalmente entre alguma soldadesca do Templo destacada para o Ultramar tivessem ocorrido esses excessos anormais, que após descobertos eram severamente punidos. Não me custa admitir que a alguns jovens noviços os mais velhos tivessem aconselhado o recurso à masturbação como medida profiláctica,

conselho que hoje qualquer médico dá aos jovens mais impetuosos, mas que isso fosse regra geral já me custa admitir. Não consigo descortinar como um cavaleiro de estirpe nobre, com o manto de Cristo pesando sobre os ombros e que voluntariamente aceitou a

Regra da Fé afirmada pelas Armas, quebrasse depois os seus votos de perfeição espiritual pelo gosto bizarro da carne de sexo igual, ou seja, praticando a sodomia e até a pedofilia com os mais jovens. Nada disso se provou oficialmente e, para não haver qualquer dúvida, os *Estatutos do Templo* são claríssimos neste ponto:

"572. [...] se um irmão faz qualquer coisa contra a natureza e contra a lei de Nosso Senhor perderá a Casa." Ou seja, era expulso da Ordem e punido severamente.

Essa acusação de sodomia, junta àquela outra dos beijos lascivos na boca, no pénis, no ânus, etc., os inquisidores pretenderam-na comprovada naquela ilustração antiga do Templo: dois cavaleiros para um só cavalo, mesmo sabendo de antemão que isso era tão-só simbólico, pois cada cavaleiro tinha direito a três cavalos e a cinco noviços ajudantes!

Simbolicamente, será uma alegoria velada do *Andraginismo Primordial*/representado pelos *Gêmeos* do Zodíaco, sendo o cavalo símbolo zoomórfico de *Tradição*, de Sabedoria

Divina assinalada na Luz do Grande Templo de Jerusalém. Tanto que Kaballah com K significa "Tradição" e com C, "cavalo". E é sabido que, astrologicamente, *Sagitário* (o

cavalo) está em oposição a *Gêmeos* (o hermafrodita), mas se tornando dócil ou domiciliário quando as qualidades superiores de ambos os signos imperam sobre as inferiores. O que me levou a dizer em uma outra obra "Esta simbiose Oriente-Occidente por via das Escrituras Velha (Profetas) e Nova (Apóstolos), também é retratada pelos

dois cavaleiros montando um só cavalo, alegoria dos *Gêmeos* e desde logo do *Andraginismo Primordial*, designativo do *Adepto Real*, do genuíno *Homem Solar* que de

pernas e braços afastados configura geometricamente a Quintessência da Natureza, de que o Homem é a régia ou real Cabeça”.

Ainda referente aos beijos lascivos acompanhando a sodomia, também os testemunhos se contam por centenas e todos os templários postos a ferros falam de três, quatro e mais beijos em várias partes do corpo, mudando conforme as testemunhas. Por exemplo, as confissões de Hugues de Bure e de Hugues de Pairaud, ainda que neguem a existência das práticas de sodomia referem os beijos sodomitas no ânus, no umbigo e na boca, o que reverte aos sinais satânicos e práticas conformes constando nos tratados medievais de demonologia por que se norteavam, decerto, os inquisidores para estabelecer o rumo dos interrogatórios e alcançar as confissões nesse sentido: a prova de corrupção corporal e heresia espiritual. O “beijo da paz” era dado nas faces, como consta das Escrituras, e não no extremo oposto do corpo, ou seja, no ânus como “beijo da impureza”, inversão e perversão da virtude em vício, prática satânica que os carrascos do rei de França quiseram para os templários fazendo correr o boato na voz do povo: “Todas as crianças dizem abertamente e a cru umas às outras: livra-te dos beijos dos templários”. O “beijo da impureza”. Evocativo da proibição maior da Igreja no cadeiral da Catedral de

#### Amiens

Essa acusação ter-se-ia baseado no texto formal do artigo n.º 678 dos *Estatutos do Templo*: “É aquele que o faz irmão deve erguê-lo e beijá-lo na boca; é costume que o irmão capelão também o beije”. Como muito bem diz Pinharanda Gomes, é pleonástico esse “na boca”, porque *ósculo* significa *boca*. De maneira que o texto se torna dicotômico, arrevesado, ou por má tradução ou por acréscimo, alterando o sentido original, pois que “na boca” está a mais.

Depois do novo irmão ter jurado sobre os Evangelhos fidelidade ao Mestre e ao Papa, impunha-se-lhe o manto da Ordem e cingia-se-lhe a espada consagrada; após, o ato era selado por uma de duas maneiras, ou por ambas: levantar o irmão ajoelhado e dar-lhe o abraço fraternal, podendo-se acrescentar o ósculo da paz nas faces. Para além do beijo físico há também o *ósculo de fogo*: o soprar do Alento Vital (*Prana*) na direção do Fogo Sagrado ardendo no braseiro postado no Templo, ou, o mais comum, soprar na direção da Cruz ausente de Homem por expressar ao próprio Verbo Solar. Esse Sopro ou Hálito Vital ainda hoje faz parte do cânone litúrgico, quando o sacerdote sopra na evocação ao Divino Espírito Santo, e mesmo quando sopra sobre a cabeça do recém-batizado.

Quanto à ausência iconológica da figura humana no Madeiro, decerto não era sinónima nem prova alguma dos templários renegarem ao nome de Jesus Cristo de quem, afinal, eram cavaleiros. Talvez fosse uma forma de combater de raiz a idolatria e o apego idolátrico às imagens, em que muitos, a maioria, se ficam perdendo ou ignorando o seu sentido real, o significado velado na imagem exposta. No mesmo sentido vai o cuspir na Cruz e calcá-la a seus pés, aquando da recepção na Ordem. Já disse antes que isso, mesmo duvidando fortemente da sua veracidade ou que alguma vez tenha acontecido senão no imaginário romântico do século XIX, acaba tão-só simbolizando a superação da natureza inferior, assinalada na cruz dos quatro elementos mortais, pela condição superior ou imortal, expressada na ausência de humanidade no símbolo por exprimir ao invisível e universal Todo no Tudo, ou seja, a Divindade Suprema manifestada na forma flogística ou pneumática do Filho, a única real e imorredoura perpassando a imagem da carne passageira e mortal.

Vai nesse sentido o depoimento arrancado a vários templários (irmãos Étienne de Dijon,



Bertrand de Villiers, etc.), com o qual os inquisidores acusaram os capelães da Ordem de omitir, no momento da Eucaristia, as palavras de consagração: *Hoc est corpus meum*, "Este é o meu corpo". Mas a quase totalidade dos irmãos interrogados protestou e afirmou que jamais os seus capelães omitiram essas palavras litúrgicas. Assim, à falta de provas sérias, essa acusação não foi mantida pelos juízes, nomeadamente pelo grande-inquisidor Bernard Gui.

À medida que o templário evoluía mental e moralmente dentro da Ordem, a doutrina e a disciplina iam tornando-se mais estreitas e profundas, inalcançáveis porque incompreensíveis para qualquer recém-chegado, noviço ou leigo. Assenta nisto a acusação do fomento de secretismo pelo Templo, acusação sem foro legal porque a Ordem era autónoma e não devia contas a ninguém, principalmente a qualquer poder civil ou secular como instituto religioso e sobretudo militar que era.

Após, vem a acusação de idolatria a um ídolo estranho, um crânio ou uma "cabeça idolatrada que dizem ser adorada pelos templários" (segundo os interrogatórios aos irmãos Larchant e Hugues de Pairaud, dentre outros). O nome de tal ídolo nunca foi pronunciado pelos acusadores e ainda menos pelos templários, com exceção de um só e sob a forma adjetiva *bafométrico*. Daí resultou o nome *baphometh*, que os autores e ocultistas dos séculos seguintes, principalmente do século XIX, difundiram sob a forma substantiva. Pondo de parte o largo esteiro de fantasias feitas à volta desse pressuposto *baphometh*, pondo de parte a renegação por outros de que alguma vez tenha existido, a verdade é que a sua figura pequenina se apresenta no topo do portal gótico dianteiro da igreja de Saint Merry, "la petit Notre Dame", em Les Halles de Paris (e foi nela que Eliphas Lévi, o célebre ocultista do século XIX, se inspirou para desenhar o seu famoso "Bode de

Mendes"). Terá sido esculpida por um Companheiro do Dever de Liberdade entre 1840 e 1847. Em Portugal, observa-se a figura do *baphomet* tanto no Convento de Cristo, em Tomar, como no Mosteiro dos Jerónimos, em Lisboa, sendo ambas as figuras do século XVI. Alegorias do "baphometh" no Convento de Cristo, Tomar, e no Mosteiro dos Jerónimos, Lisboa, ambas do século XVI

É incontestável ter existido um qualquer objeto reservado ao conhecimento de raros templários; é incontestável que a existência desse qualquer objeto se tornou pública e a ignorância do que fosse, aliada ao perjúrio, revestiu-o de bizarro e macabro sabor. É assim que no *Auto de Acusação* lê-se no artigo 10.<sup>o</sup> dos inquisidores, não se sabendo o que lhes atribuir, se um humor negro, se uma mente doentia ou se ambas as coisas: "Uma novel criança criada por um templário e uma donzela, é fervida e cozida ao lume, depois tirasse-lhe toda a gordura e com esta é sagrado e untado o ídolo deles". Esse crânio misterioso emissor de oráculos que terá ditado a pressuposta Regra Secreta do Templo, que os acusadores apontavam recheada das mais inimagináveis blasfêmias, tudo isso, afinal, não terá passado de invenção mórbida dos escritores

românticos do século XIX, visto não existirem quaisquer provas plausíveis da existência anterior de um crânio satânico, e até a própria palavra *baphometh* não fazia parte do vocabulário medieval: era desconhecida da Igreja e do Templo e foi inventada na segunda metade do século XIII por alguns trovadores da Ocitânia que, mesmo assim, a aplicaram com muita parcimônia em óbvias efabulações poéticas. Se acaso os templários tiveram a relíquia de algum crânio, então é preciso dar-lhe outro significado menos fantasista e mais tradicional, para não dizer, iniciático.

O crânio tem duplo significado, apesar de para o Cristianismo só significar a lembrança da morte. Mas o crânio contém o cérebro e está na parte mais alta do homem. Por isso é o lugar sagrado do corpo humano por excelência e o símbolo da descoberta do Saber Supremo. Com este se correlaciona o termo *baphometh*, do árabe *ouba-al-fometh*, a “boca do Pai”, no sentido de Sabedoria Divina verbalizada pelo Pai Eterno.

Como o Pai contém o Filho e o Espírito Santo, Ele é também a *Luz da Sabedoria* a que alguns deram o sentido grego, tardio, de *Baphê-métous*. Nisto residirá o sentido da frase no poema *Ira et Dolar*, escrito em 1265 por um Trovador ocitano: «E Baphometh obra de son poder» – *E Baphometh fez brilhar o seu poder*. Na língua mourisca da Península Ibérica herdada do mudéjar, escrevia-se *Abufihamat* (e pronunciava-se soando *Buphimat*), com os 102

sentidos de “Pai, Fonte, Compreensão”. Uma expressão derivada, *Ras-el-fah-mat*, significando “Cabeça do Conhecimento”, refere-se à capacidade mental do homem após a sua consciência ter sofrido um aprimoramento. A tal processo reporta-se precisamente a expressão “Eu construo uma cabeça”, usada por algumas Escolas Sufis do Islão da Península Ibérica que os cristãos medievais apodaram depreciativamente de *Bafometarias* e *Carvoarias* – plantadas ao longo da orla costeira do Distrito de Lisboa de que o topónimo *Cabo Carvoeiro* é herança notável – no sentido de “negras e diabólicas”, por aí se ensinar e exercer conhecimentos secretos que para o comum cristão ignorante e supersticioso só podiam ser “coisas do Diabo”.

É assim que o crânio «baphomético» vem a configurar uma *Iluminação Mental*, tal qual como no simbolismo da *Brigite* celta presidindo ao *Imbolc*, a festa da purificação celebrando o fim do Inverno, expressando a iluminação do mundo após as trevas estereis. Eis aqui o motivo de, por vezes, também *Santa Brígida*, herança hagiográfica daquela deusa céltica, aparecer iconógrafa com um círio na mão e uma vaca aos pés, esta expressando a lactação, neste caso, referindo-se ao retorno da vida na Primavera.

Com tudo, ainda assim muitos autores continuam a dar os mais diversos e desencontrados significados à palavra *baphometh*. Para mim, repito, essa palavra de invenção simbólica prende-se ao filólogo árabe *ouba-al-fometh*, a “boca do Pai”. Entra aqui a lenda romântica da pressuposta prova material da existência desse pressuposto ídolo dos templários: o de ter sido descoberta no Templo de Paris, na manhã da prisão em massa dos Templários, uma bela cabeça de mulher, de ouro e oca contendo um crânio feminino, envolto em tecido com as cores branca e negra da Ordem que tinha gravada a estranha e lacónica etiqueta: “CAPUT LVIII M”.

Interpretando essa lenda hermética, possivelmente saída de algum movimento hermetista do século XIX, tem-se que em latim *caput* significa “cabeça”, e os algarismos romanos, se transpostos para letras juntando-se o *M* final, dão a palavra seguinte abreviada: *ilumii*, de *illumina*, “iluminada”. Mas se mantiver todas as letras da frase e as transpor para algarismos somando-os e reduzindo-os até obter um único irredutível, obter-se-á o número 3. Desta maneira, “CAPUT LVIII M” poderá significar a “TERCEIRA CABEÇA (PESSOA) ILUMINADA”, o que vale por DEUS ESPÍRITO SANTO como MÃE DIVINA contendo em Si o Poder do Pai e a Sabedoria do Filho reunido Àquele como Um só na Unidade do mesmo Espírito Santo, pelo que é a *ouba-al-fometh*, a “boca do Pai” expressiva do seu Poder.

Esse Poder é a Sabedoria Divina, a que Batiza como Fogo que arde, mas não queima a Alma Templária que dela toma posse. Daí o outro e tardio sentido grego da palavra, também já apontado: *Baphê-métous*, o “Batismo da Sabedoria”, por vezes decomposto em *Bios-phos-métis*: Vida-Luz-Sabedoria.

Essa interpretação vai ao encontro dos dois Baptismos do Cristo: pela Água da Revelação no Jordão e pelo Fogo da Transfiguração no Tabor, assistindo a um João Baptista e a outro João Evangelista, aquele tendo a ver com a vivência claustral, donde se sai para o mundo, e este a ver com a vivência clausural, donde se aparta do mundo. Eis as duas condições do ser templário: a esotérica ou privada, e a exotérica ou pública. Ambas interligadas, ambas indispensáveis uma à outra, pois quem opera em segredo com poucos também deve saber operar o segredo para muitos, desvelando-o com arte e perfeição, progressivamente, ao entendimento de todos.

E foi isto que o papa, o rei e os inquisidores não puderem nem quiseram entender: tinham

outros objetivos, bem mais terrenos. Foi assim que o poder temporal de Mamon assassinou a autoridade espiritual de Cristo, incarnado na Regra do Templo e na vida desses templários.

## Última Prece de A Jacques DeMolay:

"Senhor, permiti-nos refletir sobre os tormentos que a iniquidade e a crueldade nos fazem suportar. Perdoai, oh meu Deus, as calúnias que trouxeram a destruição à Ordem. Permiti que um dia o mundo, esclarecido, conheça melhor os que se esforçam em viver para Vós. Nós esperamos, da Vossa Bondade, a recompensa dos tormentos e da morte que sofremos para gozar da Vossa Divina Presença nas moradas bem-aventuradas. Vós, que nos vedes prontos a perecer nas chamas, vós julgareis nossa inocência. Intimo o papa Clemente V em quarenta dias e Felipe o Belo em um ano, a comparecerem diante do legítimo e terrível trono de Deus para prestarem conta do sangue que injusta e cruelmente derramaram."

## A maçonaria na atualidade

O Compasso e o Esquadro por traz da História A origem da maçonaria

Esta é uma Pequena História, porque seria impossível contar a história, de uma instituição como a Maçonaria, nos poucos minutos que nós dispomos e trata-se de uma História Livre, porque reunimos, aqui, o resultado de algum estudo e pesquisa com um pouco de imaginação nossa.

Especula-se que a Maçonaria, como instituição que congrega homens de boa vontade, solidários e transformadores da sociedade, existe desde tempos imemoriais. Quando o homem saía da sua caverna para olhar o firmamento e começava a especular sobre sua origem e o que lhe transcendia o corpo físico, aí estava presente a força que regou a Maçonaria em todos os tempos – compreender a história do homem e seu papel na terra e estabelecer metas de conduta e de convivência.

A Maçonaria Antiga vem dos tempos de Noé, segundo algumas especulações, ou desde Moisés, segundo outras e, seguramente, existiu entre os caldeus, continuou existindo durante o predomínio da Civilização Egípcia, chegou ao Século IX quando artesãos se associaram em guildas para defender os direitos da classe, 108



formando a Maçonaria Operativa e no Século XVIII consolidou-se a Maçonaria Moderna, com a fundação da Grande Loja de Londres.

Da Maçonaria Antiga não se conhece a história, apenas lendas e especulações. Ela teria começado quando o homem, surgido da transformação darwiniana, contemplou o sol e o firmamento com seus milhões de astros e se perguntou se ele estava só naquela imensidão do universo e quem havia criado tudo aquilo. Enunciou, nesse momento, o primeiro princípio maçônico - a crença na existência de um Ser Supremo, o Grande Arquiteto do Universo. Mais tarde, conforme nos ensina a Bíblia, Deus avisou Noé que uma grande inundação chegaria e que ele preparasse um barco para salvar sua família, mais alguns homens e mulheres justos e um casal de cada espécie de animais existente.

Aí nasceu a primeira irmandade e podemos, então, considerar a Arca de Noé como a Primeira Loja Maçônica.

Esta fase da Maçonaria acompanhou o homem no seu processo de civilização, através dos tempos.

A Maçonaria Operativa, que, segundo alguns registros data do Século IX, era uma união de construtores, preocupados com a regulamentação do exercício da profissão, com o comportamento social dos mestres, companheiros e aprendizes e em especial com a assistência social aos associados das guildas e com os segredos da profissão. Dentro do processo histórico, em algum momento entre os Séculos XVI e XVIII, as construções deixaram de ser abundantes, o número de maçons diminuía, as guildas foram se enfraquecendo e necessitaram de novos membros para que os recursos fossem suficientes para a assistência a todos os seus associados. Começaram a ser **aceitos** associados que não eram maçons de profissão - eram os chamados **maçons aceitos**.

Nas lojas coexistiram membros operativos e outros, os **aceitos**, ou maçons especulativos. O período de transição entre a Maçonaria Operativa e Especulativa foi longo. Cerca de dois séculos foi o tempo necessário para que os Maçons Especulativos se tornassem maioria nas lojas e assumissem a sua direção.

Essa transição foi lenta e dolorosa. No princípio os maçons aceitos eram antigos Templários, Cátaros, e depois vieram os intelectuais, filósofos, padres, burgueses, enfim todos os homens que buscavam ardentemente uma verdade. Essa busca só era possível no ambiente livre da intolerância, que começava a reinar na Europa, que era a Maçonaria. Durante o processo de transformação da Maçonaria Operativa para Especulativa, houve a criação da Associação dos Operários - os Companheiros ou a Compagnonnage, que levou à ruptura entre os Franco-Maçons e Companheiros. A Maçonaria abrigava os especulativos e a Compagnonnage, os operários, os artesãos, os manuais. (A transição e a cisão entre os operativos e especulativos, merece um estudo à parte, tão longo e cheio de ensinamentos foi este processo, quando chegou a ser colocada em dúvida a própria utilidade futura da maçonaria na sociedade).

O processo de transição culminou com a criação da Grande Loja de Londres em 1717, quando se consolidou a Maçonaria Especulativa.

A Maçonaria Especulativa caracterizava-se por serem, seus membros, observadores sagazes, com capacidade para perceberem os princípios morais subjacentes aos símbolos e aplica-los na construção de relacionamentos humanos confiáveis, sinceros e leais e, através do estudo e da observação, tentar aprender a melhor forma de construir uma harmoniosa e perfeita fraternidade. O maior trabalho de um Mestre Maçom Especulativo é aplicar, de maneira prática e correta, a sabedoria moral que se espera

tenha adquirido durante sua vida maçônica.

Os Maçons Operativos eram individualistas e os especulativos são altruístas e filantropos. A Maçonaria Operativa era uma fraternidade corporativista, ocupava-se do bem-estar e dos interesses de seus membros. A Maçonaria Especulativa amplia os horizontes de sua fraternidade, estendendo-a a todos os homens.

Da Maçonaria Antiga conhecemos as lendas e imaginamos sua caminhada longa e gloriosa como longa e gloriosa foi a evolução do homem da caverna, passando pela invenção da roda e chegando aos tempos da cibernética, da astronáutica e da clonagem de seres vivos.

Da Maçonaria Operativa conhecemos partes da sua história e conhecemos os frutos do conhecimento e da capacidade de realização dos mestres maçons, representados pelas monumentais catedrais góticas e românicas.

Da Maçonaria Especulativa conhecemos o papel importante que desempenhou nos grandes movimentos de transformação da sociedade, como Revolução Francesa, Independência Americana e Libertação dos povos Latino-americanos, entre muitos outros momentos de grande significação para a humanidade.

E nos tempos atuais, qual é o papel que a Maçonaria desempenha? Qual é a importância atual da Maçonaria para a Sociedade?

A Maçonaria, tal como a vemos hoje, em nosso meio, não aparece, perante a sociedade, com propósitos definidos. Uma instituição sem propósitos definidos, tende a desaparecer ou, pelo menos, a perder sua relevância na sociedade. Estaremos vivendo uma nova fase da história da Maçonaria, com o declínio da Maçonaria Especulativa, como os séculos XVII e XVIII presenciaram o declínio da Maçonaria Operativa?

Deixamos de ser operativos, pois não defendemos interesses de classes; não somos especulativos pois não formulamos questões nem temos soluções filosóficas para as incertezas da vida moderna, nem somos ativos para tornar a Maçonaria agente da formação da sociedade justa e perfeita que almejamos.

Seremos nós, os Maçons atuais, os responsáveis pelo fim da Maçonaria como instituição transformadora da Sociedade?

Se não reagirmos, se a Maçonaria continuar, mesmo no momento crítico que atravessamos, vivendo de recordações de um passado brilhante; se a Maçonaria continuar de mãos vazias, vazias de ideais, vazias de ideias, vazias de ação, poderemos antever um final triste para esta pequena história livre da Maçonaria.

Porém, se deixarmos de lembrar saudosos o passado brilhante e passarmos a procurar viver um presente brilhante, empenhando-nos na luta de transformação desta Sociedade, onde a ética e a moral deram lugar à corrupção generalizada dos costumes, à desfaçatez e à mentira, e a falta de entendimento entre os povos trouxe o terrorismo, que a todos amedronta, em lugar da Paz, aí então estaremos dando continuidade à história milenar da Maçonaria e estaremos iniciando a 4ª fase da Maçonaria – a da Maçonaria Ativa.

Se a transição da Maçonaria Operativa para a Especulativa levou longos anos, talvez a transição da Especulativa para a Ativa possa ser feita num tempo menor.

A voz oficial da Instituição defende que a Maçonaria só tem deveres de preservação da cultura universalista do homem, entendendo-se por cultura universalista o amadurecimento interior de cada um de nós, conseguido voluntariamente, no silêncio do estudo e da meditação. O crescimento interior é um processo gradual, pessoal, voluntário, solitário e intransferível. Seria esse crescimento individual do Homem-Maçom

que, por difusão na Sociedade, faria evoluir essa Sociedade, tornando-a Justa e Perfeita.

No entanto, no passado, são muitos os registros de diversos momentos na História da Humanidade e do Brasil, em que a Maçonaria, como Instituição, desempenhou papel importante e decisivo para a transformação da Sociedade.

Não será o momento, agora, de a Maçonaria voltar a atuar como Instituição, com o peso de sua tradição gloriosa, de vários séculos, para combater a tirania, a ignorância, os preconceitos, os erros, a prepotência, o ódio, a humilhação que predominam em nossa caótica Organização Social, substituindo-os pela liberdade, pela igualdade, pela fraternidade, pelo conhecimento, pela solidariedade e pelo amor?

Não será o momento, agora, de todas as Lojas Maçônicas do Brasil se unirem, como Instituição, em uma permanente campanha pela moralização nos costumes políticos e na administração pública, objetivando diminuir a corrupção a nível tolerável?

Não será o momento, agora, de todas as Lojas Maçônicas do Mundo – pois a Maçonaria é uma Instituição Universal, com Oficinas em todos os recantos da Terra – se unirem, como Instituição, para promoverem o entendimento entre os povos, única forma de acabar com a escalada da insensatez humana, que resultou nos atentados de 11 de setembro em Nova Iorque e Washington e nos constantes atos de terrorismo, seja terrorismo de Estados ou de grupos, praticados em diversas partes do Universo e culminou com esta absurda Guerra dos EUA contra o Iraque?

Aceito a Maçonaria como facilitadora do encontro de homens no desenvolvimento de relacionamentos interpessoais e promotora do amadurecimento individual de cada um de nós, pela convivência, pela solidariedade, pelo estudo, pela meditação. Mas acredito que isto é pouco, muito pouco, se considerarmos o potencial de transformação e de

aperfeiçoamento da Sociedade existente em uma Instituição organizada em todos os recantos da Terra, congregando homens livres, de bons costumes e de boa vontade, que almejam tornar justa e perfeita a humanidade.

Tenho certeza que as luzes dos Irmãos experientes, que já decifraram os segredos da Sublime Ordem, iluminarão o caminho da Maçonaria para que, em breve tempo, uma Maçonaria Ativa possa desempenhar o relevante papel histórico de agente transformador da humanidade, na criação de uma sociedade justa e perfeita onde todos sejamos felizes, para a Glória do Grande Arquiteto do Universo. 115

## Conclusão

Após a descoberta nos arquivos do Vaticano, da ata de Chinon, assinada por quatro cardeais, declarando a vontade de dar a inocência dos templários, sete séculos após o processo, o mesmo foi recordado em uma cerimônia realizada no Vaticano, a 25 de outubro de 2007, na Sala Vecchia do Sínodo, na presença de monsenhor Raffaele Farina, arquivista bibliotecário da Santa Igreja Romana, de monsenhor Sergio Pagano, prefeito do Arquivo Secreto do Vaticano, de Marco Maiorino, oficial do arquivo, de Franco Cardini, medievalista, de Valério Manfred, arqueólogo e escritor, e da escritora Barbara Frale, descobridora do pergaminho e autora do livro "Os templários".

A trama maquiavélica envolvendo o Rei de França Felipe, o Papa Clemente cujo era atribuída a responsabilidade do envenenamento do Papa Bento foi fator culminante para esta vasta divulgação das acusações inverídicas contra os templários.

Por anos a Igreja falou e divulgou, as mortes dos templários eram verdadeiros espetáculos em praça pública para que fosse firmada ainda mais a conscientização das acusações.

Os Felipes e os Clementes coincidentemente foram perseguidores, em primeiro momento histórico temos Felipe IV, o belo e Clemente V na perseguição aos templários e sua ordem, posteriormente II6

temos Felipe V e Papa Clemente XII estes na perseguição contra a ordem maçônica. Foi o primeiro Papa a condenar publicamente a Maçonaria, através da encíclica *In Eminentissimi*, datada de 1738.

Chegamos à conclusão que a partir das calúnias e articulações de Felipe o Belo com a convivência da Igreja através de seu representante o Papa Clemente V as acusações mentirosas e criadas foram difundidas e passadas por gerações gerando uma série de lendas e conclusões equivocadas sobre a maçonaria. Foi certo o favorecimento a vários segmentos da sociedade e o não questionamento das informações prestadas. A dívida com a Ordem não só da monarquia como também do clero se estendia aos figurões da sociedade na idade média. Cabe ressaltar que os templários com o seu conhecimento da guerra, idiomas, literatura e matemática eram uma ameaça permanente ao poder pois possuíam poder próprio e independente. O que levou a sua decadência foi o senso completo e claro de solidariedade e fidelidade onde a palavra era dada como valor, poderiam se rebelar se organizar e lutar, porém, abriram mão de sua força por entenderem que poderiam confiar na justiça. Nenhuma instituição ou organização conseguiu sobreviver a tamanhos golpes de traição. A maçonaria se mantém viva e fortalecida a través dos tempos.

Em 1305, depois da morte, sob suspeitas de envenenamento, do sucessor do Papa Bento XI, o novo papa Clemente V revelar-se-ia mais cooperante. De origem francesa, permitiu o estabelecimento pelo rei francês do papado de Avinhão, em um enclave no sul da França, e seria uma ajuda preciosa na supressão da Ordem dos Templários. O cenário então fica montado e de forma manipuladora o rei tem todo espaço para condenar e punir os templários. Trata-se de uma das mais perversas articulações



políticas da idade média. Felipe usou o poder de todas as formas possíveis para obstruir e direcionar os trabalhos da justiça a época. Usou todo poder de divulgação e coação para proibir as pessoas de manifestarem além de divulgar amplamente as confissões e documentos distorcidos levando a uma crença nas acusações submetidas aos templários. Hoje ainda podemos ver dirigentes com o perfil de Felipe, usam a mídia, mentem, atribuem fatos inverídicos a determinadas situações buscando nada mais nada menos que o poder e a obscuridade das transações criminosas. A história se repete. Temos no julgamento dos templários exemplos claros de política, corrupta e arbitrária. As manifestações populares no que diz respeito a maçonaria na atualidade ainda são especulações oriundas das divulgações e acusações da época. Tantas falas malditas, insinuações inverídicas ainda circulam pelas mídias e literatura. Sabemos que a maçonaria herdou as virtudes e perfeições dos templários, fidelidade, crença em Deus e aprimoramento pessoal e moral do indivíduo. As opiniões diversas e todo folclore existente em cima das atividades da ordem em parte vem das falsas acusações sofridas pelos templários e relacionaram a atividades maçônicas no decorrer dos séculos passadas de boca em boca pela maioria absoluta da população, que por ignorância e pela acusação imputada aliada a falsa confissão reforçaram as crendices populares a respeito da ordem. Cabe reforçar que até mesmo a igreja mesmo com papel importante na atenuação das acusações, mesmo posterior a descoberta dos pergaminhos não se manifesta publicamente e eficiente para desfazer a imagem criada, apenas um pedido de desculpas. É comum ainda vermos posição radical de religiosos de todos os segmentos tratarem o assunto de forma distorcida e que favoreça as suas pregações. Templários queimados por acusação de heresia contra a Igreja Católica, Crônica de

Franga ou de Saint Denis, século XIV-XV, na Biblioteca Britânica trata de forma direta como foram caçados e eliminados de forma dura, injusta e com força nos interesses de um momento político. Porque então os templários remanescentes espalhados pela Europa não se defenderam de tais acusações e permitiram que por séculos continuassem a estas insinuações. Simples, logo após a condenação dos templários ficou proibido a manifestação referente a esta temática, tudo era motivo de punição severas, então o cenário do momento e a divulgação das falsas acusações levaram ao silêncio de muitos. Conclui-se então que ao passar dos anos, décadas e séculos as acusações são similares a algumas falas ainda em 2016 continuam no contexto das falsas acusações da idade média.

A maçonaria sobreviveu e sobrevive ainda com louvor e méritos por tantos serviços e ações de caridade pelo mundo, basta fazermos uma ligação com as grandes personalidades e suas contribuições para era atual. Em toda grande obra e grande gestão existe a figura de uma ligação com a maçonaria. A maçonaria não cobra reconhecimento simplesmente tem feito o que de melhor pode pela sociedade e pelos muitos irmãos ao redor do mundo. Segundo o evangelho *“Guardai-vos, não façais as vossas boas obras diante dos homens, com o fim de serdes vistos por eles; de outra sorte não tereis a recompensa da mão de vosso Pai, que está nos Céus. Quando, pois, dás a esmola, não faças tocar a trombeta diante de ti, como praticam os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, para serem honrados dos homens; em verdade vos digo que eles já receberam a sua recompensa. Mas quando dás a esmola, não saiba a tua esquerda o que faz a tua direita; para que a tua esmola fique escondida, e teu Pai, que vê o que fazes em segredo, te pagará. (Mateus, VI: 1-4)*

Gabriel Jogang Pagés, francês nascido em 1854, com o pseudônimo de Leo Taxil, tornou-se origem das acusações de luciferíssimo e cultos satânicos contra a Maçonaria, acentuando a discordância entre esta última e o Clero. Séculos depois um oportunista e problemático personagem surge com o apoio novamente do clero fomentando e apimentando as injúrias e calúnias contra a ordem, expulso da maçonaria ainda na fase de aprendiz com menos de 10 meses de iniciação pelas atitudes em desacordo com a moral e bons costumes da maçonaria. Utilizando-se inclusive de uma iniciação para autopromoção e divulgação de falsas cerimônias e rituais.

Esta pesquisa tem o objetivo de apresentar e fortalecer a ordem bem como os interessados em justiça e contrários ao prejulgamento sem a compreensão dos fatos e sua contextualização histórica. Antes de julgar, manifestar opiniões é importante colocarmos na balança da justiça e da verdade os fatos que precocemente podem nos conduzir a uma injustiça irreparável. A um preconceito sem conhecimento e origem das falas. Finalizando as falsas acusações atribuídas aos templários foram herdadas pela maçonaria e se perpetuaram até os dias de hoje.

Os geômetras, sempre mantiveram a preocupação com a forma o espaço, tamanho e posição diante de seus trabalhos, os maçons mantiveram esta preocupação similar com a ética, moral e bons costumes mensurados pelos seus instrumentos de trabalho, assim gira o mundo, assim continuamos sendo discretos, bons costumes e com a mesma conduta, no esquadro e no compasso com a proteção do Grande Arquiteto do Universo.

## Como se tornar um maçom?

Tornar-se um maçom envolve um processo que pode variar um pouco dependendo da jurisdição e da loja maçônica específica, mas geralmente segue um caminho semelhante.

Aqui está um resumo geral dos passos típicos para se tornar um maçom:

### 1. \*\*Conhecimento e Pesquisa\*\*

Antes de tudo, é importante fazer uma pesquisa sobre a maçonaria e entender seus princípios, valores e práticas. A maçonaria é uma fraternidade que valoriza a moralidade, o autodesenvolvimento e o serviço à comunidade. Compreender o que a ordem representa ajudará a garantir que seus objetivos e valores estejam alinhados com os da maçonaria.

### 2. \*\*Contato com uma Loja Maçônica\*\*

Você deve entrar em contato com uma loja maçônica local. Isso pode ser feito através do site da loja, de associações maçônicas ou por meio de referências de membros atuais. Algumas lojas têm formulários de contato online, enquanto outras podem ter horários específicos para visitas ou eventos abertos ao público.

### 3. \*\*Expressar Interesse\*\*

Após o contato inicial, você será convidado a expressar formalmente seu interesse em

se tornar um membro. Isso geralmente envolve preencher um formulário de inscrição e, em alguns casos, pagar uma taxa de candidatura. É comum que você também tenha uma conversa inicial com membros da loja para discutir suas motivações e entender o que é esperado de você.

#### 4. **\*\*Entrevista e Avaliação\*\***

O próximo passo geralmente é uma entrevista ou um processo de avaliação. Isso pode envolver conversas com membros da loja, bem como a apresentação de referências pessoais. O objetivo é avaliar se você está alinhado com os valores da maçonaria e se tem as qualidades e o caráter desejados.

#### 5. **\*\*Processo de Iniciação\*\***

Se aprovado na etapa de avaliação, você passará pelo processo de iniciação. A iniciação é uma cerimônia ritualística que marca o seu ingresso formal na maçonaria. Este ritual é uma tradição importante e simbólica que representa sua entrada na fraternidade.

#### 6. **\*\*Comprometimento e Participação\*\***

Após a iniciação, você será esperado para se envolver ativamente nas atividades da loja maçônica. Isso pode incluir participar de reuniões regulares, colaborar em projetos comunitários e contribuir para as discussões e decisões da loja.

### Requisitos Gerais para Ingressar:

- **Idade:** A maioria das lojas exige que os candidatos tenham pelo menos 18 ou 21 anos, dependendo da jurisdição.
- **Caráter:** Espera-se que os candidatos tenham um bom caráter moral e ético.
- **Crenças:** Embora não seja necessário ser de uma religião específica, a maçonaria geralmente requer que os membros acreditem em um Ser Supremo ou Grande Arquiteto do Universo.
- **Reputação:** A maçonaria procura indivíduos com uma boa reputação na comunidade e que estejam em boas condições financeiras e pessoais.

Cada loja e jurisdição pode ter suas próprias variações no processo, então é recomendável verificar com a loja maçônica local para obter detalhes específicos.

### **Número de maçons pelo brasil e pelo mundo**

O número de maçons pode variar bastante dependendo da fonte e do método de contagem, mas aqui está uma visão geral aproximada baseada em dados recentes e estimativas:

#### **Brasil:**

No Brasil, a maçonaria é bastante ativa e bem estabelecida. Estima-se que haja cerca de **250.000 a 300.000 maçons** no país. Existem diversas grandes organizações

maçônicas no Brasil, incluindo a Grande Loja Maçônica do Brasil e a Grande Oriente do Brasil, que têm muitas lojas sob sua jurisdição.

#### **\*\*Mundo:\*\***

A maçonaria é uma fraternidade global com uma presença significativa em muitos países.

A estimativa global é que haja entre **\*\*6 milhões a 7 milhões de maçons\*\*** em todo o mundo. As maiores concentrações de maçons estão em países como os Estados Unidos, Reino Unido, França e outros países europeus. Aqui estão alguns números aproximados para alguns países:

- **\*\*Estados Unidos:\*\*** Aproximadamente **\*\*1,5 milhões de maçons\*\***, divididos entre várias grandes organizações, como a Grande Loja Unida dos Estados Unidos e a Ordem dos Maçons Americanos.
- **\*\*Reino Unido:\*\*** Cerca de **\*\*200.000 maçons\*\***, sob a Grande Loja Unida da Inglaterra e outras grandes lojas.
- **\*\*França:\*\*** Aproximadamente **\*\*130.000 maçons\*\***, organizados principalmente sob o Grande Oriente da França e outras obediências.
  - **\*\*Alemanha:\*\*** Cerca de **\*\*30.000 maçons\*\***.
  - **\*\*Itália:\*\*** Aproximadamente **\*\*30.000 maçons\*\***.

#### **\*\*Observações Adicionais:\*\***

1. **\*\*Variedade de Jurisdições:\*\*** O número de maçons pode variar porque existem

muitas diferentes obediências e jurisdições maçônicas, cada uma com suas próprias lojas e membros.

2. **\*\*Dados Variáveis:\*\*** As estatísticas podem ser imprecisas devido à natureza da organização e à falta de dados centralizados. A maçonaria valoriza a privacidade, e os números exatos podem não ser amplamente divulgados.

3. **\*\*Mudanças Contínuas:\*\*** O número de membros pode variar com o tempo devido a novas adesões, aposentadorias e mudanças organizacionais.

Essas estimativas fornecem uma visão geral da presença da maçonaria em diferentes regiões, refletindo sua influência e alcance em várias partes do mundo.



## Referências Bibliográficas e audiovisuais

Crusades: The Story of the Latin Kingdom of Jerusalem (1894), p. 176. O design com dois cavaleiros a cavalo e a inscrição SIGILLVM MILITVM XRISTI é comprovada em 1191, veja Jochen Burgdorf, The central convent of Hospitallers and Templars: history, organization, and personnel (1099/1120-1310), Volume 50 of History of warfare (2008), ISBN 978-90-04-16660-8, pp. 545-546.

History of the Order of the Temple. Cambridge University Press, 1994. ISBN 0-521-42041-5.

Cambridge University Press, 1978. ISBN 0-521-45727-0.

Português). História Abril. Concílio de Troyes.

The History Channel. Decoding the Past: The Templar Code, 7 Nov. 2005, vídeo documentário escrito por Marcy Marzuni.

Stephen A. Dafoe. «In Praise of the New Knighthood». TemplarHistory.com. Consultado em March 20, 2007.

Quadro Elementar Das Relações Políticas E Diplomáticas De Portugal Com As Diversas Potencias Do Mundo Desde O Princípio Da Monarquia Portuguesa Até Nossos Dias, Visconde de Santarém, Tomo Oitavo, pág. 105, Casa JP Aillaud, Pariz, 1853  
A Inteligência da Fé: Cristianismo, Islã, Judaísmo (Rio de Janeiro, editora Record, 2006. Pp. 131-154)

Angus Macnab: Spain under the Crescent Moon (EUA: Fons Vitae, 1999). 122

- DEMURGER, Alain. Os cavaleiros de Cristo: templários, teutônicos, hospitalários e outras ordens militares na Idade Média (sécs. XI-XVI). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002. 348p. ISBN 85-7110-678-9
- DEMURGER, Alain. Os templários: uma cavalaria cristã na Idade Média. São Paulo: Difel, 2007. 687p. ISBN 85-7432-076-5
- RUNCIMAN, Steven. História das cruzadas. Volume I: A 1.ª cruzada e a fundação do Reino de Jerusalém). São Paulo: Imago, 2002. 340p. ISBN 85-312-0816-5
- LOUÇÃO, Paulo Alexandre. Portugal esotérico. Volume I: Os templários na formação de Portugal. Lisboa: Ésquilo, 2009. ISBN 978-989-8092-60-1
- OLIVEIRA, Nuno Villamariz. Castelos Templários em Portugal. Lisboa: Edições Ésquilo, 2010. ISBN 978-989-8092-77-9
- TELMO, António. O Mistério de Portugal na História e n'Os Lusíadas. Lisboa, Ésquilo.
- BURMAN, Edward. Templários, Os Cavaleiros de Deus. Trad. Paula Rosas. Rio de Janeiro: Record, Nova Era, 2005. ISBN 85-01-04046-0
- DEMURGER, Alain. Os Templários, uma cavalaria cristã na idade Média. Trad. Karina Jannini. Rio de Janeiro: DIFEL, 2007. ISBN 978-85-7432-076-2
- STODDART, William. Lembrar-se num mundo de Esquecimento. São José dos Campos: Kalon 2013. ISBN 978-85-62052-04
- SCHUON, Frithjof. O Homem no Universo. São Paulo: Perspectiva, 2001. ISBN 85-273-0259-4 123

- SOARES DE AZEVEDO, Mateus. A Inteligência da Fé: Cristianismo, Islã, Judaísmo. Rio de Janeiro: Record, 2006. ISBN 85-7701-045-7

O Commons possui uma categoria contendo imagens e outros ficheiros sobre Ordem dos Templários

- Escriba Cafe Podcast - Episódio 45 - Os Pobres Cavaleiros (em português)
  - The Knights Templars International (em inglês)
  - Catholic Encyclopedia: The Knights Templars (em inglês)
  - Templar History (em inglês)
- COSTA, Ricardo da. D. Dinis, e a supressão da Ordem do Templo (1312): o processo de formação da identidade nacional em Portugal, em Cultura e Imaginário no Ocidente Medieval. Arrabalde - Cadernos de História. Série I. Niterói: UFF, 1996, p. 90-95. (Em português)
- COSTA, Ricardo da. Los inicios de la Orden del Temple según Guillermo de Tiro (c. 1127-1190) y Jacobo de Vitry (†1240) (em espanhol)
- COSTA, Ricardo da. El fin de los templarios y de las cruzadas y el beato Ramon (em espanhol)
  - Os Cavaleiros Templários (em espanhol) em Enciclopédia Católica
- Templari tra fonti, mito e fiction. A proposito di un libro recente e di una tendenza consolidata (em italiano) - in Itinerari Medievali
- Pequena História da Maçonaria - C. W. Leadbeater - Editora Pensamento - 1968 - Biblioteca Maçônica. 2. A Franco-Maçonaria - História e Iniciação - Christian Jacq - Editora Difel - 1977
- 3. A Maçonaria, Ontem e Hoje - Armando Righetto - Editora Maçônica A Trolha - 1994.

4. Maçonaria - História e Filosofia - Ambrósio Peters - Editado sob patrocínio da Academia Paranaense de Letras Maçônicas e Grande Oriente do Estado do Paraná. - 1999.

5. Maçonaria - Lendas, Mistérios e Filosofia Iniciática - João Antônio Ardito - Editora Madras - 2002.

6. Um Conceito de Maçonaria - Welington B. de Oliveira - Editora Maçônica A Trolha - 1994.